



Jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná - Nº 52 fevereiro/março de 2001 - ISSN 1517-0217
sindijor@sindijorpr.org.br - <http://www.sindijorpr.org.br>

Ação sindical

Sindicato vai à Justiça



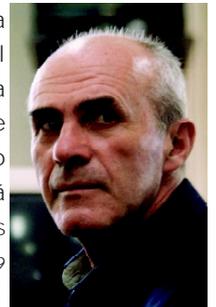
Diante das denúncias de irregularidades em empresas de comunicação, o sindicato decidiu não confiar nas promessas das empresas. Só no mês de março, o sindicato entrou na justiça contra emissoras de TV da Rede Paranaense de Comunicação e solicitou a fiscalização do Ministério Público do Trabalho na Gazeta do Povo.

PÁGINA 3

Veto

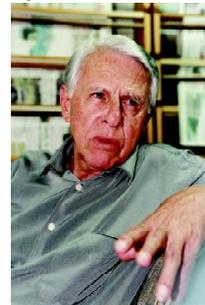
Marco Damásio

Imprensa
Oficial
recusa
livro sobre
a TV no
Paraná
PÁGINAS
8 E 9



Entrevista

Hugo Abati



Freitas
Netto
conta um
pouco da
história
do
sindicato.
PÁGINAS
10 E 11

Imagem

Hugo Abati

Talento
de um
certo
Noviski
PÁGINA 19





com a palavra...

Filiar-se à CUT significa fortalecer a luta da sociedade

José Daniel Farias

Quando o Mário Messagi Júnior me pediu um artigo defendendo a filiação do Sindicato dos Jornalistas à CUT, não pude deixar de brincar: “até que enfim esse sindicato vai entrar para a Central”, falei. Na verdade, eu fazia referência ao longo tempo que passou desde quando a Oposição Sindical dos Jornalistas, com o apoio da CUT, ganhou as eleições no Sindicato e Júlio Tarnowski Junior foi eleito presidente.

Um pouco depois, em 1993, no Sindicato dos Bancários passamos por situação parecida. O MOB - Movimento de Oposição Bancária, encabeçado pelo atual presidente da CUT Paraná, Roberto von der Osten, ganhou as eleições. Conforme prometemos em nossa plataforma de campanha, tratamos de fazer a filiação do Sindicato à CUT.

Essa mudança trouxe conseqüências rápidas para os bancários. Para começar porque há tempos a maioria dos outros grandes sindicatos de bancários do país já estavam na CUT. Entrando

também na Central, abrimos um caminho para a inserção dos bancários de Curitiba no movimento nacional. Dirigentes daqui passaram a participar de reuniões e comissões nacionais, sem falar na adoção das mesmas estratégias de luta, com manifestações e paralisações do calendário nacional.

Quem seguiu de perto a história do movimento sindical, com certeza há de lembrar as diferenças no movimento de toda sociedade civil a partir de 1993. Afinal, nossa filiação à CUT significou o ingresso de um sindicato forte, que representa cerca de 15 mil trabalhadores, em todas as lutas defendidas pela CUT junto com os setores de esquerda do País.

Ainda hoje, quase oito anos depois, a máxima continua a mesma. Quanto mais sindicatos – com ideologias confluentes – aderirem à CUT, mais forte será a Central. No caso dos jornalistas do Paraná, a situação dos bancários repete-se, uma vez que hoje a maioria dos sindicatos de jornalistas de todo país já é filiada à CUT, assim

como também é a Fenaj. Não é preciso também lembrar o quanto é importante ter uma categoria como a dos jornalistas inserida nas nossas lutas.

O momento por que passamos é crítico. Em nome do neoliberalismo, da globalização e de um falso modernismo, cada vez mais aumentam os ataques contra os direitos do trabalhador. Não bastasse isto, ainda temos que cobrar ações que ferem ainda mais a sociedade, como as irregularidades e bandalheiras que assolam os governos.

Não podemos assistir a tudo isso de braços cruzados. E nós, sindicalistas temos obrigação de estar à frente nesta luta em defesa dos nossos direitos. E nossa união dentro da CUT, a única central sindical de vanguarda e de esquerda do país, é o maior passo que podemos dar nesta direção.

José Daniel Farias, presidente do Sindicato dos Bancários de Curitiba, filiado à CUT desde 1993.

ERRATAS

A última edição do Extra Pauta teve um erro, quanto à numeração do jornal. No cabeçalho mencionou-se que aquele era o número 52, quando deveria ser o de número 51.

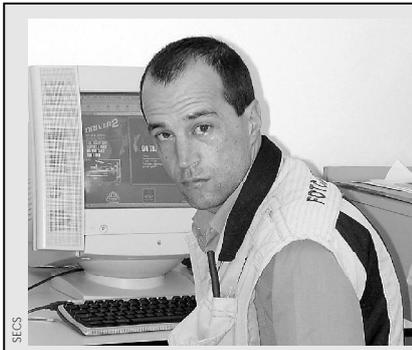
**

Na matéria “Jornais e eleições”, mencionamos sobre a pintura da fachada do Jornal do Estado, que estaria inteiramente branca. A metáfora serviu ao texto da matéria, mas foi injústa com o aspecto externo da sede do JE. A sede passou a ter fachada azul e branca, na sua parte superior (onde aparece o nome do jornal), e branca na inferior.

FALECIMENTO

O repórter-fotográfico Rubens Thomé Speltz faleceu em 27 de janeiro, vítima de acidente de motocicleta, em Curitiba. Rubens trabalhava na Secretaria de Estado da Comunicação Social, mas teve destaque com a atividade de rádio-comunicador.

Participou de campanhas para combater o desaparecimento de crianças, auxiliou pais de crianças desaparecidas e foi um dos incentivadores, em 1995, da criação do Sicride (Serviço de Informações de Crianças Desaparecidas), pela Secretaria de Estádio da Segurança. Rubens Thomé Speltz tinha 36 anos.



expediente

Extra Pauta é Órgão de divulgação oficial da Gestão Extra Pauta, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná. Endereço: Rua José Loureiro, 211, Curitiba/Paraná. CEP 80010-140. Fone/Fax (041) 224-9296. E-mail: sindijor@sindijorpr.org.br

Jornalista Responsável
Mário Messagi Júnior
Reg.prof. 2963/11/101z
Redação
Alvaro Collaço
Colaboradores nesta edição
José Daniel Farias, Lorena Aubrikt Klenk, Marcelo Lima,
Rafael Borges, Roberto Muggiati, Simon Taylor.
Fotografias
Hugo Abati
Ilustrações
Simon Taylor

Edição Gráfica
Leandro Taques
Tiragem
3.000 exemplares

As matérias neste jornal podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte. Não é de responsabilidade deste jornal os artigos de opinião e as opiniões emitidas em entrevistas, por não apresentarem, necessariamente, a opinião de sua editoria.



Rede Paranaense de Comunicação é acionada na Justiça do Trabalho

O Sindicato dos Jornalistas entrou em 8 de fevereiro com uma ação na Justiça do Trabalho contra emissoras de televisão da Rede Paranaense de Comunicação, especificamente a TV Paranaense (Curitiba), TV Cataratas (Foz do Iguaçu), TV Esplanada (Ponta Grossa) e TV Imagem (Paranavaí). A ação representa 102 jornalistas e exige das empresas o pagamento das diferenças de horas extras acumuladas entre outubro de 98 e outubro de 99.

Neste período, as empresas pagaram aos jornalistas horas extras com adicional de 50%, quando a Convenção Coletiva de Trabalho prevê acréscimo de 100%. Essa diferença de 50% em treze meses deveria se paga em novembro de 99, quando o Sindicato dos Jornalistas assinou com o sindicato patronal Convenção Coletiva retroativa a 1º de outubro de 98.

Além do pagamento das diferenças em horas-extras, a ação prevê que os jornalistas recebam o valor não pago em férias, gratificação natalina, FGTS, aviso prévio (em caso de jornalista desligado), adicional por tempo de serviço e multa de 50% do salário mínimo por empregado.

Das emissoras que compõem a Rede Paranaense de Comunicação, apenas duas emissoras ficaram de fora desta ação: as TVs Coroados e Cultura, respectivamente das cidades de Londrina e Maringá, que fazem parte da base de outro sindicato.



Sindicato denuncia Gazeta ao MP

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná denunciou, em 2 de março, o jornal Gazeta do Povo ao Ministério Público do Trabalho por descumprimento do artigo 74 da Consolidação das Leis do Trabalho. O artigo define que todas as empresas com mais de 10 empregados devem manter cartão-ponto como forma de controle de jornada.

Na Gazeta, o cartão-ponto foi abolido há mais de dois anos. Com isso, os jornalistas têm feito horas-extras e, sem mecanismo para evidenciar a sobrejornada, não recebem pelo seu trabalho extra.

Há dois anos, o Sindicato, respaldado por deliberação de uma assembléia dos jornalistas da Gazeta, vem buscando o diálogo e tentando resolver o problema através de negociação direta. Todas as tentativas foram infrutíferas. A recusa da Gazeta em negociar chegou até a Delegacia Regional do Trabalho – DRT. No dia 29 de agosto de 2000, o jornal não compareceu em mediação na DRT, convocada pela própria delegacia.

Trabalho voluntário forçado

Sem cartão ponto, as horas extras realizadas pelos jornalistas da Gazeta não são assinaladas e, portanto, ficam sem a justa remuneração. Sob a alegação de flexibilizar a jornada e dar maior liberdade aos jornalistas, a empresa opera uma economia irregular na folha de pagamento. Com a denúncia ao Ministério Público, o Sindicato espera resolver o problema definitivamente.

Para entender o caso

1- Entre outubro de 98 e outubro de 99 os jornalistas ficaram sem convenção coletiva. As negociações com o sindicato patronal não obtiveram sucesso e o Sindicato dos Jornalistas ajuizou dissídio coletivo.

2- A maioria das empresas, mesmo sem convenção, continuou pagando horas extras com adicional de 100%. A TV paranaense, TV Cataratas, TV

Esplanada e TV imagem decidiram, no entanto, aplicar o que prevê a CLT e pagar adicional de 50%.

3- Em novembro de 99, o Sindicato dos jornalistas e o sindicato patronal assinaram Convenção Coletiva de Trabalho com data retroativa a 1º de outubro de 98. Dessa forma, as horas pagas com adicional de 50% passaram a fazer jus ao adicional de 100%.



Solenidade de entrega será em maio

Está prevista para a primeira quinzena de maio a entrega do 6º Prêmio Sangue Novo no Jornalismo Paranaense, promoção do Sindicato dos Jornalistas com apoio da Rede Paranaense de Comunicação e Gazeta do Povo. Trabalhos de seis instituições concorrem nas onze categorias do Prêmio, o que perfaz um total de 135 trabalhos inscritos.

O maior número de trabalhos inscritos é proveniente da Universidade Estadual de Londrina. São 43 trabalhos contra 26 da Universidade Federal do Paraná, 25 da Pontifícia Universidade Católica, 21 da Unicenp, 13 da Tuiuti e somente 7 da Universidade Estadual de Ponta Grossa. No ano passado, ela participou com 36 trabalhos.

A direção da UEPG sentiu-se prejudicada pela forma como os trabalhos foram avaliados no ano passado. "A gente estranhou muito o resultado final (da 5ª edição), mas isso não foi determinante para termos menos trabalhos este ano", justifica João Somma Neto, professor de Telejornalismo da UEPG e que respondeu pelo Departamento durante as férias de Irvana Branco. "A forma que está o prêmio definido traz limitações principalmente nas categorias de Rádio e TV. Os trabalhos que não se enquadram só podem ser inscritos em Pro-

jeto Livre e vão concorrer com projetos de revistas", diz.

Em setembro do ano passado, o sindicato convidou as coordenações dos cursos de jornalismo para discutirem mudanças no regulamento do Prêmio e que jurados também fossem indicados por universidades. Todas as propostas apresentadas foram acatadas pelo Sindicato.

Para o coordenador do 6º Sangue Novo, jornalista Emerson Castro, o Sangue Novo ultrapassou os limites da instituição. "Foi aberto um processo democrático de discussão do regulamento do Prêmio com as universidades. Por isso, o grande fator de inscrição de trabalhos é o incentivo dos professores aos alunos, e menos o enquadramento no regulamento. É esse o objetivo do Sangue Novo, fomentar a criação e a criatividade dos estudantes", argumenta.

Categorias

A categoria Reportagem Impressa registrou o maior número de inscrições. São 44 trabalhos, o que representa quase um terço do total de inscrições deste Sangue Novo. A segunda categoria mais procurada foi Projeto Livre, com 23 trabalhos. Reportagem para Rádio e Reportagem para Televisão foram as categorias com menor número de inscrições no



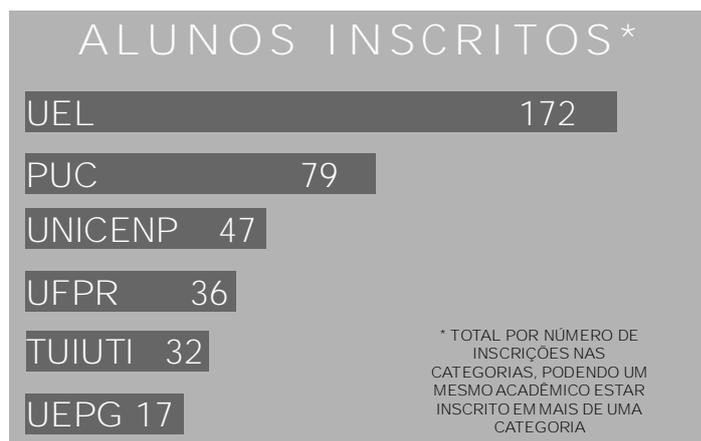
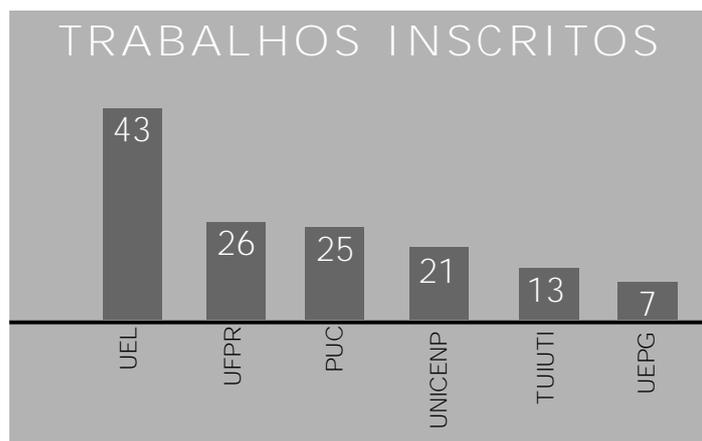
Sangue Novo: destacando novos talentos

Marcelo Almeida

Prêmio: apenas quatro trabalhos cada.

Na 6ª edição do Sangue Novo, a exemplo de anos anteriores, a maioria dos trabalhos representa a produção de acadêmicos do 4º e 3º anos. Este quadro começa a lentamente sofrer modifica-

ção, desde que a Unicenp passou a concorrer no ano passado. Ela hoje está em seu terceiro ano de atividades. Dos 135 trabalhos que concorrem, 11 foram de acadêmicos do 1º ano, 40 do 2º, 32 do 3º e 52 do 4º ano.



APOIO **GAZETA DO POVO** O GRANDE JORNAL DO PARANÁ  REALIZAÇÃO  **Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná**



Diretores de Sindicato são expulsos da CNT

Ilegalidade na contratação de jornalistas e atraso no pagamento dos salários. Estes problemas levaram Marcos Palácio e Kepler Polamarçuk, diretores do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, a visitarem as instalações da CNT em São Paulo em 21 de fevereiro, no intuito de solicitar uma reunião com a diretoria da emissora. Terminaram expulsos com agressividade pelo chefe-de-redação, Evaldo Oliveira.

“Nós tínhamos feito uma assembléia na porta da empresa e esperávamos conversar com a diretoria. Então, entrou o Evaldo. Passou uns cinco minutos e ele começou a gritar e nos empurrar para fora da empresa”, conta Palácio. “Só então vieram alguns funcionários nos dizendo: ‘Esse é o Evaldo. Do jeito que tratou vocês, trata a gente aqui’”, recorda Palácio. Em nota oficial, o Sindicato dos Jornalistas protestou lembrando que, ao impedir a livre atuação sindical, a CNT demonstrou “um coronelismo atrasado e cruel, que pune a cidadania e fere os mais elementares valores democráticos”. Tão grave quanto a agressão, é o fato de Evaldo de Oliveira não ser jornalista for-



mado e, portanto, exercer de forma irregular a profissão. O Sindicato entrou com Boleim de Ocorrência contra o diretor da CNT por exercício ilegal da profissão. Evaldo residiu por anos em Curitiba e, no início da década de 90, exerceu também irregularmente a profissão de jornalista em Curitiba, onde trabalhou no Jornal do Estado e CNT.

Greve e Cooperativa

A visita dos diretores sindicais atendeu solicitação de jornalistas da emissora, que entraram em greve em 20 de fevereiro, porque estavam com os salários atrasados. “Tem gente que não tinha mais dinheiro no bolso”, enfatiza Palácio. Além do atraso, a CNT descumpe a Convenção Coletiva de Trabalho assinada com o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, porque não fornece vale-refeição nem qualquer outro benefício.

Mas a CNT tem ainda outro problema: a terceirização indevida do trabalho dos jornalistas, com a utilização da cooperativa Artcoop. Ela contrata e repassa os salários aos profissionais, com um valor inferior do pago pelo mercado. “É questão de má-fé. Os caras contrataram uma Cooperativa para explorar mão de obra. Se o jornalista sair em férias, por exemplo, ele terá de pagar um frila do próprio bolso para quem ocupar o seu lugar”, explicou Palácio. A CNT em São Paulo contrata jornalistas pela Artcoop há alguns anos, sendo este o último reduto de terceirização através de cooperativa em São Paulo. Uma denúncia contra a CNT e a Artcoop está sendo encaminhada pelo Sindicato ao Ministério Público.

folha do paraná

Jornalista exige reintegração na empresa

A Folha do Paraná perdeu em primeira instância na Justiça duas ações que versam sobre a reintegração à empresa da presidente do Sindicato dos Jornalistas de Londrina, Carina Paccola. Carina obteve sentença favorável tanto na ação impetrada por ela contra a empresa, como na movida pela Folha contra a jornalista. A Folha recorreu da decisão.

O afastamento de Carina ocorreu em junho e foi uma retaliação a uma nota oficial contra a demissão de sete jornalistas pela empresa. Na

nota do Sindicato é feita uma comparação entre a situação da Folha e do extinto banco Bamerindus, que era de propriedade de José Eduardo Andrade Vieira, o proprietário do jornal.

Ao afastar Carina Paccola, a Folha do Paraná feriu a Convenção Coletiva de Trabalho assinada pelo próprio jornal, que oferece a dirigentes sindicais estabilidade no emprego: uma garantia para que eles possam exercer sem pressões a atividade sindical.



Arquivo Folha

Carina: vitória na Justiça contra a Folha

Sem copos

Os jornalistas da sucursal da Folha do Paraná estão enfrentaram um problema sui-generis durante o verão: a falta de copos apropriados para tomar água. A situação chegou a tal ponto, que eles estão comprando os copos do próprio bolso.



Jornais de bairros se multiplicam na cidade

Lorena Aubrif Klensk

Numa época em que a Internet oferece informações do mundo inteiro em tempo real, sustentada por investimentos de grandes grupos econômicos, um outro segmento da comunicação prospera nos bairros de Curitiba apostando no interesse dos cidadãos em saber o que se passa na vizinhança. São jornais de bairro, que vêm se multiplicando na cidade nos últimos anos e, somados, já formam uma indústria capaz de fazer frente, em circulação, a alguns conhecidos veículos da imprensa paranaense. Calcula-se que existam na capital pelo menos 30 auto-intitulados jornais de bairros. A maioria não passa de caderno de anúncios, onde a parte editorial limita-se a material fornecido por políticos e órgãos oficiais. Mas um pequeno grupo está em busca da profissionalização e da expansão, anunciando planos para aumentar a periodicidade e – coisa inédita nesse ramo – vender assinaturas.

Um dos primeiros a investir nesse novo canal de vendas é o Folha do Boqueirão, criada em novembro de 1994 por Francisco Garcez, um ex-líder estudantil e ex-vendedor de consórcios que começou fazendo o jornal sozinho e hoje, com 42 funcionários, 20 computadores e mais de 20 linhas telefônicas, se considera um pequeno empresário da comunicação. O plano é ambicioso: vender 5 mil assinaturas em seis meses, preparando o terreno para iniciar a venda do jornal em bancas. Hoje, toda a tiragem – de 10 mil exemplares semanais, segundo Garcez – é distribuída gratuitamente. “A campanha de assinaturas está sendo um sucesso. Em uma semana já vendemos 100”, diz o dono do jornal, que vem ampliando seus negócios. Em parceria com Humberto Schwabe, dono da Gazeta do Bairro, ele fechou um acordo com o jornal Indústria e Comércio, pelo qual ambos assumiram a administração do parque gráfico da empresa. Os detalhes do acordo não são revelados, mas o objetivo é utilizar a estrutura para rodar os jornais de bairro dos novos administradores, prestar serviços para terceiros, ampliando a receita dos dois microempresários.

Há oito meses, Garcez também adquiriu outro tradicional jornal de bairro curitibano, o Jornal do Bacacheri, fundado há 10 anos por João Belo, um personagem conhecido pela defesa de causas ecológicas. Já transformou o tablóide de mensal para quinzenal (15 mil exemplares por edição, segundo informa) e, em janeiro, passará a rodá-lo semanalmente, com tiragem de 10 mil. A idéia é fazer com a publicação o mesmo que já

ocorreu com a Folha do Boqueirão: transformá-la em suporte para lançamento de listas telefônicas de bairro, vistas como o “filé mignon” do negócio. A “Lista do Bairro” da região do Boqueirão terá a segunda edição lançada em janeiro, com cerca de 6 mil cadastros, ante 4,3 mil da anterior. A primeira lista está em fase de comercialização, para lançamento em junho de 2001. Garcez diz que, com o novo jornal e duas listas, aumentará seu faturamento de R\$ 80 mil para R\$ 150 mil mensais. E os planos não param por aí: o sonho de Garcez é, dentro de três anos, fazer da Folha do Boqueirão um jornal diário. Ainda em 2001, ele quer lançar as listas telefônicas do Pinheirinho e Água Verde, em parceria com jornais desses bairros: “Adoro fazer jornal e quero continuar fazendo, mas para que eles cresçam preciso dessa alavanca. Alguns jor-

outro ponto de vista. O que caracteriza um jornal de bairro é a ligação com a comunidade. Para manter essa característica, é preciso enfrentar o poder público, atitude incompatível com o recebimento de verbas públicas”, argumenta. Para Almeida, que ingressou no segmento há 11 anos, com o extinto Jornal dos Bairros, apenas cinco jornais de bairro de Curitiba seguem a filosofia comunitária, “levando problemas, doa a quem doer”. Entre eles, lista seus dois jornais: O Jornal Água Verde, criado em 92, e a Folha do Batel, com um ano e meio de vida, cada um com tiragem de 10 mil exemplares por quinzena.

Almeida diz que, somando os dois jornais, fatura em torno de R\$ 5 mil por mês. As publicações são distribuídas gratuitamente, tradição que ele não pretende mudar. A circulação, porém, deverá aumentar em 2001.

Ele informa que até março cada jornal deverá estar tirando 20 mil exemplares por quinzena. “Circulando mais, terei mais anunciantes e isso vai viabilizar o crescimento do jornal”, acredita.



No Jornal do Pinheirinho, a novidade mais recente é a adoção da policromia, há dois meses, na capa, contracapa e miolo da edição. “Estamos sentindo a repercussão dessa inovação e temos a intenção de transformar o jornal em quinzenal a partir do ano que vem”, afirma Miriam Regina Pinto, responsável pelo jornal. Hoje, a circulação é mensal, segundo ela,

com tiragem de 10 mil exemplares. Miriam que é assistente social, professora universitária e funcionária da prefeitura de Curitiba – diz que o jornal é rentável, mas ainda não lhe permite viver disso. Ela se alinha entre os que defendem maior investimento do poder público nos veículos de bairro, sem achar que isso comprometeria a independência das publicações. “É um contra-senso a Prefeitura investir tanto em grandes veículos, quando os de bairro são uma alternativa mais barata e de grande retorno”, diz.

Também na região do Pinheirinho circula, há cinco anos, a Gazeta do Bairro, do jornalista Humberto Schwabe. Segundo ele, o jornal tem tiragem mensal de 12 mil exemplares, e em março passará a ser semanal. A exemplo da Folha do Boqueirão, Schwabe também se prepara para vender assinaturas.

Gradativamente, também está trocando a distribuição nas ruas pela colocação do produto em displays instalados em bancas de jornais e panificadoras. “Os jornais de bairro estão se profissionalizando, ganhando qualidade credibilidade e, em consequência, se tornando mais viáveis”, afirma Schwabe. Ecoando uma reclamação que também é de outros colegas, ele diz que um dos empecilhos para o segmento é a falta de controle sobre a tiragem dos jornais de bairro. “Muitos jornais anunciam uma tiragem e fazem outra bem menor, e alguns sequer fazem a distribuição prometida aos anunciantes. Isso provoca descrédito que prejudica a todos”, afirma. Garcez, da Folha do Boqueirão, diz que levou muitos anos para transpor a fase de “superação de objeções”. “Foi muito difícil mudar a visão que muitos tinham sobre o jornal de bairro, mas hoje estamos passando a fazer um trabalho com enfoque empresarial”, afirma.

Outro aspecto dos jornais de bairro incomoda o Sindicato dos Jornalistas do Paraná. A grande maioria é feita por pessoas sem habilitação na área, preenchendo a exigência legal de ter jornalista responsável com o “empréstimo” do nome do profissional. Em Curitiba há casos de um só jornalista que assina mais de cinco jornais de bairro, sem ter contato direto com nenhum. “O objetivo da lei, ao exigir um jornalista responsável, é evitar abusos. Mas esses jornalistas não acompanham o produto que assinam”, afirma Silvio Rauth Filho, diretor do Sindicato dos Jornalistas. Segundo ele, há outros problemas, como a manutenção de estagiários fazendo o trabalho de jornalistas – prática proibida por lei – e de *free lancers* fixos. Entre polêmicas, o certo é que há cada vez mais gente disposta a apostar no nicho dos jornais de bairro. Para Garcez, esse mercado se beneficia da tendência de segmentação que impera em vários setores da economia. O futuro, além da Internet, está nas publicações regionalizadas. “O cidadão quer saber o que acontece perto da sua casa”, opina. José Gil Almeida, do Jornal Água Verde, acha que a grande imprensa ajuda a abrir caminho para os jornais de bairro. “Os grandes veículos estão muito distanciados da comunidade, não interpretam os seus anseios. Esse espaço é preenchido pelos jornais de bairro, que só darão certo quando feitos por pessoas que vivem na comunidade e conhecem seus problemas”, afirma.

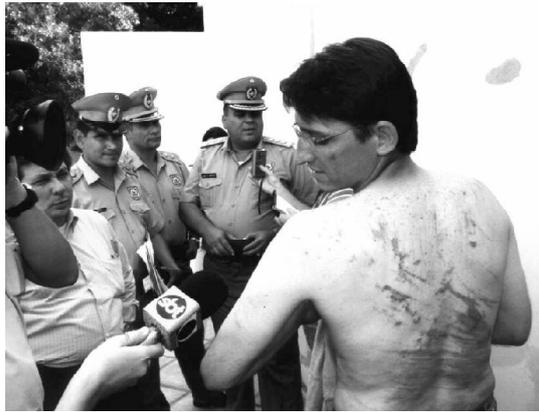
Matéria publicada originalmente na Gazeta Mercantil, edição de 26/12/2000.



Em 7 de fevereiro o jornalista Mauri König, de O Estado do Paraná, esteve na delegacia de polícia da cidade paraguaia de Hernandárias. Foi reconhecer um dos três homens que o agrediram em 19 de dezembro, na região de San Alberto, a 80 quilômetros da fronteira com Foz do Iguaçu. No entanto, em comum com os agressores, o paraguaio Silvio César Camilo tinha somente uma caminhonete vermelha. “Foi um bode expiatório para dar alguma justificativa. Eu tenho pouquíssimas dúvidas que a polícia não esteja envolvida”, diz Mauri.

Esta foi a segunda vez que Mauri retornou ao Paraguai após a agressão. “A primeira foi três ou quatro dias depois. O comandante colocou catorze caras na minha frente e queria que eu reconhecesse o culpado”, revela o jornalista. A agressão por três homens no Paraguai, um dos quais estava trajando farda das Polícia Nacional, continua sendo objeto de investigação do Ministério Público daquele país.

Jornalista não reconhece agressor no Paraguai



Agressão ao jornalista Mauri König teve repercussão internacional

“Depois da queda de Stroesser (Alfredo Stroesser, ocorrida em 1989), só a morte do vice-presidente Luiz Maria Argaña e a fuga e prisão de Lino César Oviedo tiveram tanta cobertura na imprensa paraguaia. As principais emissoras de TV e rádio e os jornais me entrevistaram no dia”, afirma Mauri. Relacionado à agressão, obviamente, está o motivo que levou o jornalista ao Paraguai: a denúncia de que o exército daquele país vem recrutando jovens brasileiros, com conivência do Ministério da Justiça e da Polícia Nacional.

O assunto deve ser retomado pelo jornalista em março, quando ele quer retornar ao Paraguai e prosseguir nas investigações. “O episódio trouxe como lição que eu tenho de ter mais cuidado para investigar assuntos polêmicos. Eles não me mataram, ainda não sei porque”, enfatiza Mauri König. O jornalista tem ainda pequenas marcas no corpo provocadas pela agressão e, no nariz, ainda sente dor.

Repercussões

A agressão teve repercussão internacional. O Ministério das Relações Exteriores do Brasil recebeu um dossiê com mais de 60 páginas do Consulado em Ciudad Del Este. O Sindicato dos Jornalistas do Paraná enviou nota de protesto ao

Governo do Paraguai e informou ao caso a Federação Internacional dos Jornalistas. Em nota oficial dirigida ao presidente Luis Angel Gonzalez Macchi, a FIJ solicitou que o governo paraguaio empenhe “todos os esforços possíveis para lograr a identificação e captura das três pessoas,

presumidamente vinculadas a força policial”. Outras entidades que se manifestaram foram o Sindicato Nacional dos Periodistas da Nicarágua e o Comitê Mundial pela Liberdade de Imprensa, sediado em Miami.

O caso foi manchete nos principais veículos de imprensa do Paraguai.



FENAJ organiza Conferência Latino-Americana de Mulheres Jornalistas

Traçar um diagnóstico da situação das mulheres jornalistas da América Latina, o tratamento dado a mulher na mídia, a superação das desigualdades e a viabilização de oportunidades iguais são alguns dos objetivos da I Conferência Latino-Americana de Mulheres Jornalistas, de 3 a 6 de maio, em Brasília. O Encontro irá elaborar propostas de ação sindical, políticas regionais e globais de superação das desigualdades entre homens e mulheres nos meios de comunicação. O evento é organizado pela Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais (FENAJ), em conjunto com a Federação Internaci-

onal dos Jornalistas(FIJ) e o Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal.

A questão dos direitos humanos também estará em debate. Para a cerimônia de abertura está convidada a guatemalteca Rigoberta Menchu, prêmio Nobel da Paz, que abordará a situação da mulher trabalhadora no novo milênio.

A Conferência Latino-Americana é preparatória para a Conferência Mundial de Mulheres Jornalistas, marcada para junho, em Seul, na Coreia do Sul.

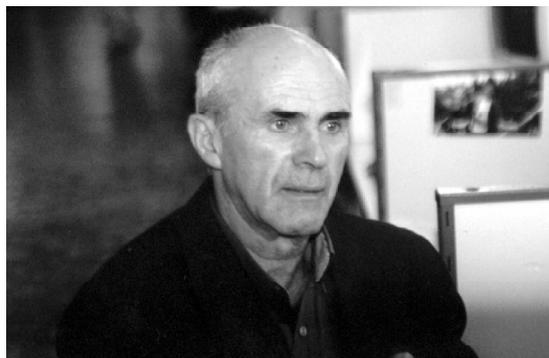
Mais informações na página da FENAJ: www.fenaj.org.br.



A história da televisão do Paraná não pode ser publicada pela Imprensa Oficial do Estado, porque alguns dos seus fatos envolvem políticos ligados ao governador Jaime Lerner. Essa é a descoberta que fez o jornalista Jamur Júnior após ouvir do secretário da Justiça e Cidadania, Pretextato Taborda e o diretor da Imprensa Oficial, Miguel Sanches Neto, que a editora estatal não imprimiria o livro “Pequena História de Grandes Talentos”. A notícia da recusa do livro provocou em Jamur Júnior uma reação de espanto, compartilhada por jornalistas e políticos no Paraná.

“Eu passei por isso na época da “Revolução”, com o Show de Jornal, quando censuravam até expressão facial. Eu não estou mais acostumado a isso, perdi o jeito”, desabafou Jamur Júnior. O livro foi concluído em outubro, com a colaboração dos jornalistas Hugo Sant’ana e Sandra Pacheco, responsáveis pelo texto final. Sem condições financeiras de bancar a edição e por entender que ela é de interesse público, Jamur procurou a Imprensa Oficial. O diretor da IO, Miguel Sanchez Neto recebeu o projeto e assegurou que no início de fevereiro o livro poderia ter sua impressão iniciada.

Uma semana antes do Carnaval, Jamur foi chamado a comparecer na IO, para uma reunião com o secretário de Justiça e o diretor da gráfica estatal. “Pelos dois, o livro está



Marcos Damascio

Jamur Jr.: a censura da Imprensa Oficial o fez lembrar a época da Ditadura Militar

bom, mas eles disseram que não poderiam editá-lo. Têm algumas pessoas que ficariam em posição estranha, pessoas ligadas ao governador”, afirmou Jamur. O empecilho re-

side no capítulo sobre o desentendimento entre os ex-governadores Ney Braga e Paulo Pimentel, que culminou com a ida da programação da Rede Globo para a TV Paranaense. Outros desdobramentos deste mesmo fato foram o fechamento da Rádio Iguçu, do qual participou o ex-governador Jayme Canet, e a venda da TV Coroados a Oscar Martinez, que é pai do deputado e presidente do PTB, José Carlos Martinez. “Não sou ficcionista, sou repórter e estou contando a história da televisão, em um trabalho de reportagem. Este episódio (a transferência da programação da Globo) foi marcante na vida da TV do Paraná. No meio da tarde, a Rede Globo informou à TV Iguçu: *hoje não tem mais programação para vocês*”, explica Jamur.

Repercussão política

A notícia de censura na Imprensa Oficial pegou mal ao governo. O deputado Luiz Carlos Zuk (PDT), fez um pronunciamento criticando a direção da Imprensa Oficial, protesto que foi acompanhado pelo deputado Algaci Túlio (PTB), que lembrou ser Jamur Júnior “um arquivo vivo da história da televisão e do rádio no Paraná”. O deputado Ângelo Vanhoni (PT), sugeriu que a Assembléia encaminhe um pedido de informações à Imprensa Oficial, sobre os motivos para não imprimir o livro. “Não se admite que o Estado possa promover censura num momento em que nós estamos lutando para

consolidar os valores da democracia em nossa sociedade”, disse Vanhoni.

“Eu não sei porque fizeram isso: me esnobaram por três meses, alimentaram a expectativa e, de repente: não dá. Até por inteligência eles teriam que fazer, porque é interessante para o Paraná”, enfatizou Jamur. Até o momento, não existe um livro específico sobre a história da TV do Paraná, mesmo sendo este tema constante de pesquisa nas universidades de comunicação. Pai de uma acadêmica de Jornalismo, Jamur Júnior trabalha no projeto há pelo menos dois anos. “Pequena História de Grandes Talentos” conta da inauguração da TV no Paraná, em 1954, até os anos 90. É uma homenagem a dois pioneiros: Mário Vendramel e Onsi Bermudes.

O livro é bom, mas...

“Um órgão público tem que se preservar de certas coisas”. É o que diz Miguel Sanchez Neto, diretor da Imprensa Oficial, ao defender o veto ao livro “Pequena História de Grandes Talentos”, de Jamur Júnior. Segundo ele, no livro “há citações que comprometem órgãos públicos e a Imprensa Oficial não poderia publicar coisas sobre pessoas que ainda estão na vida pública”.

Sanches Neto revela que, ao entusiasmar-se com a idéia de publicar um livro sobre a história da televisão do Paraná, esperava que Jamur contasse sobre pessoas que trabalharam na TV, não entrando em questões políticas. A obra seria publicada na coleção Brasil Diferente.

“O livro como um todo é bom, mas por alguns detalhes não se encaixa na linha editorial da Imprensa Oficial”, diz Miguel, que não vê na recusa uma censura, mas “uma adequação à linha editorial da Imprensa Oficial”. Até o momento, na Coleção Brasil Diferente há apenas um livro sobre fatos políticos. É “Memórias de 1964 no Paraná”, escrito pelos jornalistas Milton Ivan Heller e Maria de Los Angeles Duarte, cuja impressão, como revela Miguel Sanches Neto, foi possível com uma solicitação formal da Assembléia Legislativa do Paraná.

Helvética



Uma história também política

O livro “Pequena História de Grandes Talentos”, de Jamur Júnior, conta não apenas histórias vividas por profissionais de TV, mas mostra quanto era importante o controle da televisão pela Ditadura Militar. Assim foi no Paraná na década de 70, quando o ex-governador Paulo Pimentel sofreu persegui o do governo federal, o que culminou com o fechamento da Rádio Iguaçu, a transferência da Rede Globo da TV Iguaçu para a TV

Paranaense, o que o forçou a vender a TV Coroados a Oscar Martinez. São fatos de importância vital para se entender o que   hoje a TV no Paraná.

Na opinião de Jamur Júnior   esse viés político que impediu que o livro fosse agora editado pela Imprensa Oficial do Paraná. O Extra Pauta publica dois trechos do livro: uma valiosa contribui o de Jamur Jr. para a história do Paraná.

Nos últimos dias do governo Geisel, Quandt de Oliveira deu uma entrevista na cidade de Ourinhos, interior de São Paulo, que provocou forte rea o na cidade de Londrina: o governo estava prestes a determinar a cassat o da concessão da TV Coroados.

Nessa época, já eleito deputado federal, Paulo Pimentel foi chamado a Brasília para conversar com o sucessor indicado de Geisel, o general João Baptista Figueiredo, empenhado num esforço de arregimentat o de aliados políticos para seu futuro governo.

Depois de ouvi-los atentamente, Pimentel expôs a situa o da TV Coroados: “General, estou pensando seriamente em oposi o. O Governo vem me perseguindo sistematicamente e não vejo razão para permanecer no seu partido”. Sensibilizado, Figueiredo prometeu sustar o processo de cassat o da concessão.

Isso se deu justamente no momento em que Oscar Martinez, já dono de uma nova concessão em Londrina, se preparava para colocá-la no ar utilizando a estrutura da Coroados. Se os seus planos foram frustrados, as promissórias permaneciam a descoberto em fun o da sentença judicial paulista. A soluço veio através do ministro Golbery do Couto e Silva, eminência parda e grande estrategista do governo Geisel. Num jantar de confraterniza o em Brasília, com a presença do ungado Figueiredo, Golbery teve uma conversa com Paulo Pimentel, com o intuito de ressarcir-lo da parte dos prejuízos causados pela persegui o política de que fora vítima até aquele momento.

Inteirado da situa o da Tv Coroados, entrou em contato como o “todo-poderoso” proprietário da Rede Globo, Roberto Marinho, e ofereceu-lhe a oportunidade de fazer um excelente negócio. Por um preço bastante vantajoso, marinho comprou a TV Coroados, três anos depois de Pimentel t -la vendido, sob pressão, a Oscar Martinez.

Os problemas de Paulo Pimentel com o ex-presidente Ernesto Geisel começaram muito antes da existência da TV Iguaçu. Geisel era amigo pessoal do ex-governador Ney Braga, cujo período de governo serviu no Paraná. Nessa época, mantinha boas rela es com Pimentel. Votou nele para governador, se hospedou em sua casa e participou de vários almoços e jantares promovidos pelo ex-governador.

Durante o período em que exerceu o governo, Pimentel se manteve distante das empresas, evitando até mesmo participar da constru o, montagem e inaugura o da TV Tibagi - Canal 11, de Apucarana, em 1969.



Na sucessão de Castello Branco, o favorito do alto escalão das Forças Armadas era o general Arthur da Costa e Silva, uma unanimidade entre os oficiais que, durante o regime militar, detinham a prerrogativa de indicar os presidentes da República.

Costa e Silva estava tão seguro da indica o que, ao partir para a Europa, embarcou afirmando “Vou ministro e volto presidente”.

A declara o foi interpretada pela tropa como um indicativo que o processo sucessório não apresentaria surpresas.

Só que Ney Braga, um “híbrido”, como se dizia na época, de militar e político, aproveitou a ausência de Costa e Silva e chamou Paulo ao seu gabinete para comunicar sua disposi o de disputar a Presidência da República.

Antes disso, porém, um alto funcionário da Presidência da República conduziu Paulo Pimentel para conversar com os chefes da Casa Militar, general Ernesto Geisel, e da Casa Civil, general Golbery do Couto e Silva, que desejavam maiores informa es sobre o convite que recebera do ministro do Exército, Costa e Silva.

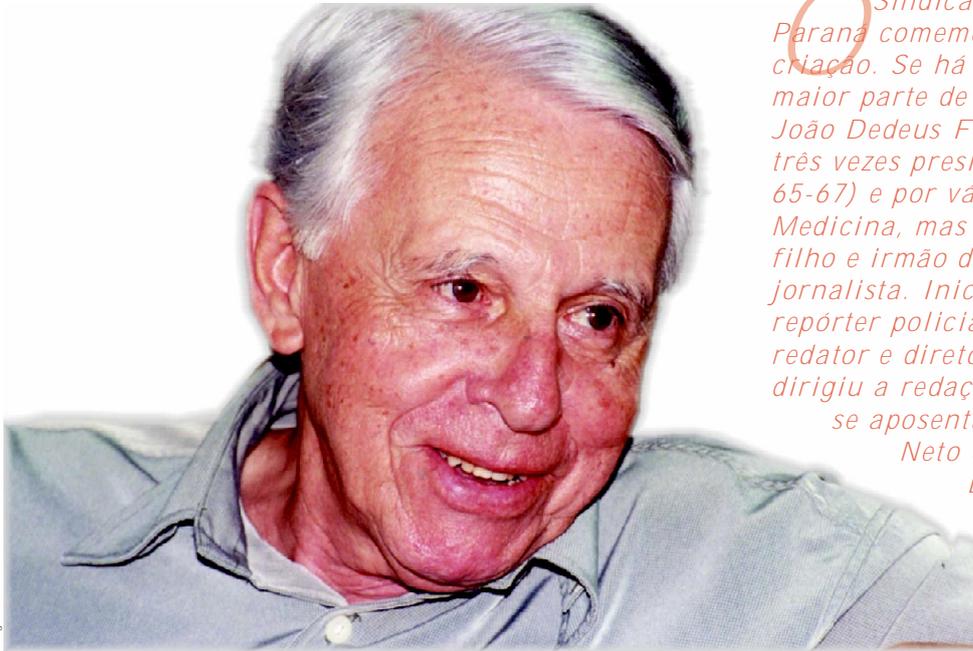
Franco, Paulo explicou que não conhecia pessoalmente o general Geisel, que o portador do convite fora o chefe da 5  Região Militar, o que considerava praticamente sua obriga o aceitá-lo.

Sua postura foi interpretada por Geisel como insolência. O general sugeriu que o governador não fosse ao encontro com Costa e Silva. Ele ponderou que são faria isso mediante uma boa justificativa ou se assim fosse orientado pelo presidente da República.

A essa altura da conversa, Paulo já estava atrasado para o encontro com Costa e Silva e Geisel optou por mudar de tática: “V  e diga que sou responsável por seu atraso”.

Paulo foi recebido pelo ministro em sua residência. Costa e Silva lamentou o incidente e incumbiu de levar uma proposta a Ney Braga: a de que aceitasse ser seu vice.

Convencido de que esta era a melhor composi o, Paulo partiu ao encontro de Ney, que se encontrava no Rio de Janeiro. São que a rea o do ex-governador foi dura: “Paulo, eu vou ser presidente da República, você está me traindo”.



Hugo Abail

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná comemorará em setembro 55 anos de sua criação. Se há uma pessoa que acompanhou a maior parte de sua história da entidade, esta é João Dedeus Freitas Neto. O jornalista foi por três vezes presidente da entidade (55-57/57-59/65-67) e por várias vezes diretor. Formou-se em Medicina, mas não resistiu à força atávica (é filho e irmão de jornalistas) e teve carreira de jornalista. Iniciou na profissão em 38, como repórter policial de *O Diário da Tarde*. Foi redator e diretor de *O Dia* e, entre 51 e 67, dirigiu a redação de *O Estado do Paraná*, tendo se aposentado em 68. De 62 a 83, Freitas Neto dirigiu a *Imprensa Oficial do Estado*.

Nesta entrevista Freitas Neto fala especificamente do Sindicato e de como era o mercado profissional em Curitiba, quando surgiu a entidade.

Freitas Neto um doutor jornalista no Sindicato

Extra Pauta - *Por que surgiu o Sindicato dos Jornalistas, em 1946?*

João Dedeus Freitas Neto - Os profissionais de imprensa se filiaram à Associação Paranaense de Imprensa, que não tinha caráter de sindicato e cujo presidente era o Rubens Amazonas Lima, genro do Oscar De Plácido e Silva que era dono da *Gazeta do Povo*. Só em 1946 se consegui uma carta sindical, através de uma luta intensa dos profissionais, liderada pelo José Augusto Gomy. Depois se fez a primeira eleição do Sindicato. Foi vitorioso o Alceu Chichorro, do jornal *O Dia*. O que foi decisivo para se pensar em formar um sindicato foi que a Associação Paranaense de Imprensa era praticamente uma casa de jogo. Lá funcionava carteado e nós usávamos a sede dela. Então, ficava um negócio meio depreciativo: "-Onde vocês se reúnem? - A gente se reúne na Associação, quer dizer:

uma casa de jogo". A Associação Paranaense de Imprensa não era representativa da classe de jeito nenhum. Em São Paulo, por exemplo, havia a APISP - Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, da qual meu irmão Wandryck foi presidente e, depois, eles evoluíram para um sindicato. É como hoje acontece com a ABI - Associação Brasileira de Imprensa, que não tem personalidade jurídica para reivindicar, ir para justiça. Isso cabe ao sindicato.

EP- *A fundação do Sindicato foi imediatamente após o final da Ditadura Vargas. Isso teve influência na criação da entidade?*

Freitas Neto - Sim. O Getúlio saiu em 45, depois da Guerra. E se criou uma coisa até interessante: a FEB- Força Expedicionária Brasileira, da qual participei e fiz um discurso na praça, no Dia da Vitória. Ironicamente fomos defender em terra estranha a liberdade

que não tínhamos aqui. Eu acho que isso influenciou: a volta das liberdades individuais para se fazer o Sindicato.

EP- *Quando o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná foi criado havia entidades semelhantes em que estados?*

Freitas Neto - São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul.

EP- *Curitiba tinha aproximadamente quantos jornalistas nos anos 40?*

Freitas Neto - Uns quarenta, no máximo. Porque tinha a *Gazeta do Povo*, *O Dia* e o *Diário da Tarde*. Esses três jornais englobavam o maior número de profissionais. Eram jornais de estrutura pequena, mas a cidade era pequena também. Apareceram depois *A Tarde* e o *Correio do Paraná*, que tiveram curta duração.

EP- *Antes de vir o Sindicato quais eram os direitos trabalhistas para os jornalistas?*

Freitas Neto - Não tinha o privilégio das cinco horas de trabalho. Trabalhava-se oito horas, trabalhava-se menos ou mais. O trabalho era mais noturno: os jornais fechavam às duas e meia, três horas da manhã. O *status quo* era bem diferente do de hoje. E, naturalmente, se não tinha muitos direitos, não tinha muitos deveres. É o que eu chamo de imprensa boemia. Não tendo Sindicato, não havia poder de militância e de persuasão dos profissionais. Mas as coisas eram mais tranquilas. Os patrões não eram tão renitentes em aceitar as reivindicações, e o profissionalismo era muito precário. A grande massa de profissionais não tinha curso de Jornalismo, era geralmente formada por



estudantes de Direito, que gostavam de ter no dia-a-dia da redação uma forma de melhorar sua maneira de escrever. Só a partir do Sindicato e de 1957 é que se começou, através da Delegacia Regional do Trabalho, a convocar os patrões.

EP- *Os salários eram pagos mensalmente ou semanalmente?*

Freitas Neto - Mensalmente, mas havia o sistema de vale. Não era como hoje, por exemplo, que os jornalistas têm direito à antecipação de 40% do salário. Naquele tempo se tirava vale por dia e íamos brigar com o gerente para conseguir um vale.

EP- *Os salários eram bons?*

Freitas Neto - Relativamente eram. Comparando com hoje eram melhores. Eu tenho parâmetros disto. Eu me lembro que em 51, quando me formei em Medicina, ia largar a profissão. Eu era diretor de redação de O Dia e fui procurado por um dos donos de O Estado do Paraná, que tinha sido fundador em julho de 51 e cujo primeiro diretor de redação não havia acertado. Eu me lembro que o diretor do jornal disse: "Eu não sei quanto é que o senhor ganha, mas pagamos oito vezes mais". Era uma fábula. Eu me lembro que em 52 fiz concurso para a Saúde Pública e ganhava 1.080 cruzeiros. Como diretor de jornal eu ganhava 7 mil. Então, era um senhor salário e, de modo geral, os redatores e os repórteres ganhavam bem, não ganhavam tão mal assim.

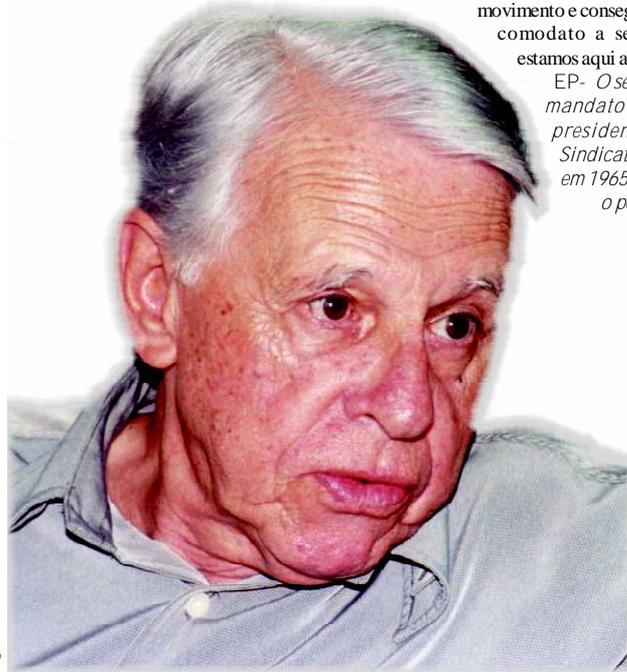
EP- *Que funções jornalísticas existiam naquela época?*

Freitas Neto - Tinha o diretor de redação. Alguns jornais utilizavam a nomenclatura de redator-chefe. Mas, geralmente era o diretor de redação, o secretário de redação e aí tinha o sub-secretário, o chefe de reportagem, o chefe de revisão. É mais ou menos como hoje. Naquele tempo tinha fotógrafo, não repórter-fotográfico. O primeiro repórter-fotográfico daqui se chamou Domingos Foggiato. Ele ia para a rua procurar tema, fotografava e trazia elementos para fazer uma notícia. Fora isso, o fotógrafo só fotografava a pedido do redator.

EP- *Não havia repórteres que transmitiam as notícias aos redatores?*

Freitas Neto - Sim. Eu tive um repórter em O Estado do Paraná, um descendente de japoneses, que só trazia os dados e fazia uma confusão terrível. Era uma briga com redator, porque trazia uma entrevista com o cidadão e se esquecia do nome da entidade da qual o cidadão era presidente. Tinha muito isso, como tinha também bons redatores. Naquele tempo, como não havia curso de Jornalismo, formava-se o jornalista não na teoria, mas na prática. Lógico que o curso de Jornalismo é excelente, mas não é decisivo para formar

um bom profissional. Alguém pode fazer curso de Medicina e não ser bom médico, Engenharia e não ser um bom engenheiro. Naquele tempo se dependia do dia-a-dia da redação, o que hoje é impossível. Recentemente eu estive na Gazeta do Povo conversando com o Arnaldo Cruz e tive impressão de que estava em uma repartição pública. Todo mundo de crachá, todo mundo sentado na mesinha, batendo... Claro que o tecnicismo mudou a imagem da atividade jornalística, mas infelizmente mudou o convívio. Os "focas", convivendo com os mais experientes, aprendiam muito trabalhando com grandes jornalistas. Geralmente, lá pela meia-noite, quando as matérias desciam para as oficinas, eles iam ler os artigos. E os novatos,



Hugo Akashi

os "focas", ficavam ouvindo e discutiam. Isso era muito salutar. Eu era secretário-de-redação, depois fui diretor-de-redação, e eu chamava o sujeito que escrevia e falava: "Olha, não escreva isso. É bobagem, você esqueceu esse detalhe". O sujeito ia lá e reescrevia a matéria. Hoje não se faz mais isso. Hoje, se alguém tem texto ruim, chama-se outro redator para escrever e, portanto, o coitado continua escrevendo mal para o resto da vida. Eu acho isso negativo em um jornal.

EP- *Como o Sindicato obteve sua primeira sede?*

Freitas Neto - Constituído o Sindicato, tínhamos o problema da sede. Não íamos

ficar na Associação Paranaense de Imprensa. Acontece que o secretário da diretoria, no meu mandato, era o Léo de Almeida Neves. Ele era do Partido Trabalhista Brasileiro e o correligionário dele, Miguel Buffara, foi nomeado secretário do Trabalho. Aquele edifício ali na Cruz Machado, o Afonso Camargo, era vinculado à Secretaria do Trabalho. Através do Léo fomos falar com o Miguel Buffara e conseguimos um conjunto. Isso funcionou até conseguirmos essa sede na Praça Carlos Gomes. Essa sede era originalmente o Departamento de Obras e Esgoto. Depois passou para a Emopar - Empresa de Obras Públicas do Paraná. Quando a Emopar mudou para uma casa maior, foi durante a gestão do Desidério

Perón no Sindicato, houve um movimento e conseguimos em comodato a sede onde estamos aqui agora.

EP- *O seu terceiro mandato como presidente do Sindicato iniciou em 1965 e foi após o período em*

que a entidade sofreu intervenção do Governo Militar. Foi difícil dirigir o Sindicato dos Jornalistas no início da Ditadura Militar?

Freitas Neto - Não foi, embora tivesse muitos profissionais daqui indiciados em IPM (Inquérito Policial Militar). Na minha gestão aconteceu o seguinte: ninguém queria realizar o Congresso Nacional, mesmo porque a classe mais visada era a jornalística mesmo. O presidente da Fenaj, Victor Gouveia, nos perguntou se íamos fazer. "Vamos, sim". Foi o primeiro congresso de trabalhadores do Brasil depois da "Revolução". Foi em março de 65. Foi um

congresso difícil, porque o general da 5ª Região Militar achou temerário o Congresso e falou com o governador. O governador falou comigo. Eu resisti e foi muito bom. De certo modo abriu um termo de convivência entre os jornalistas e o regime.

EP- *Naquela época era possível trabalhar em redação e ser presidente do Sindicato?*

Freitas Neto - Sim. Era bem mais tranquilo, não como hoje, que tem que ter uma estrutura. As reuniões eram semanais e, vendo as atas, ia pouca gente às reuniões. Aliás, esta sempre uma marca da atividade jornalística: o jornalista não tem espírito associativo. Eu acho que isso, em parte, advém da cooptação que as empresas fazem com os jornalistas que ocupam cargo em comissão nas redações. O sujeito fica entre a obrigação de defender a empresa e o Sindicato.

EP- *Nesta questão, não é também expressivo o fato de muitos jornalistas não sentirem que são trabalhadores?*

Freitas Neto - Lógico. Ele é trabalhador intelectual, não obreiro. Considera-se até autônomo: "Eu sou trabalhador e trabalho através da empresa, porque se não tiver jornal não posso trabalhar. Mas, no fundo, acho que sou autônomo". O jornalismo é bem assim e, até certo ponto, isso é válido. Naquele tempo (até a década de 60) o sujeito fazia do jornal um trampolim. Por exemplo: ia estudar Direito. Para trabalhar em Direito, ia para o jornal aprender a escrever como mais velhos. Depois as coisas mudaram e o nível profissional ficou diferente, mas o fulcro da questão é essa: não ser obreiro.

EP- *Na década de 40 como era o relacionamento entre jornalistas e patrões?*

Freitas Neto - Naquele tempo a convivência era tão boa que o próprio o patrão iria ser testemunha de defesa do profissional. E o acordo salarial era tranquilo. As empresas não tinham advogado para fazer acordo salarial. Mandavam o gerente, discutia-se, acertava e geralmente era assim.

EP- *Qual a primeira conquista do Sindicato?*

Freitas Neto - Foi o primeiro acordo salarial, em 1957. Naquele tempo ninguém tinha piso.

EP- *E em termos de conquista política, qual seria a principal contribuição do Sindicato?*

Freitas Neto - Foi em termos de credibilidade na opinião pública. Ele contribuiu muito e passou a fiscalizar, inclusive, o comportamento ético dos jornalistas, o que antigamente não havia. A principal contribuição foi essa.



Ministério do Trabalho multa Jornal em Cascavel

A fiscalização do Ministério do Trabalho autou o Jornal Hoje, de Cascavel, por não apresentar os registros profissionais dos jornalistas, falta de recolhimento do FGTS e da contribuição sindical. Além disso, o Hoje estava sendo editado sem apresentar jornalista responsável. A inspeção ocorreu em janeiro por solicitação do Sindicato dos Jornalistas, que protocolou a denúncia junto ao Ministério do Trabalho em novembro do ano passado. Anteriormente o Sindicato já havia notifi-

cado o jornal para efetuar a regularização, mas a direção da empresa não tomou nenhuma providência.

A aplicação das multas ainda depende de decisão da Delegacia do Ministério do Trabalho em Curitiba. Pela falta de recolhimento do FGTS o jornal pode ser multado de 10 a 100 Ufirs por empregado. No caso da contribuição sindical a empresa vai desembolsar R\$ 402 por funcionário. As demais multas terão valores estipulados pela DRT. O Jornal ainda pode recorrer ao Mi-

nistério do Trabalho em Brasília, mas terá que depositar os valores em juízo.

A fiscalização e denúncia de irregularidades nas empresas de comunicação tem sido uma ação constante do Sindicato dos Jornalistas. "O processo ainda é moroso, devido ao acúmulo de processos na DRT, mas a ação do sindicato tem tentado coibir as empresas de desprezarem os direitos dos profissionais e continuar publicando material clandestino", afirma Silvio Rauth Filho, diretor do sindicato.

Jornalistas são eleitos conselheiros da UFPR

Pela primeira vez em sua história, os três conselhos superiores da Universidade Federal do Paraná contarão com jornalistas em seus quadros. A eleição para representantes da comunidade aconteceu em 21 de fevereiro, da qual o Sindicato participou ativamente ao indicar nomes para o CEPE - Conselho de Pesquisa e Extensão- e COPLAD- Conselho de Planejamento e Administração.

Para o CEPE foi eleita como titular Elza Oliveira, que é professora da UFPR, e, para a suplência, Lorena Aubrift Klenk, jornalista da Gazeta do Povo. O COPLAD terá como titular Emerson Castro Firmo, assessor da Federação das Indústrias do Estado do Paraná e professor da Tuiuti, e como suplente Ricardo Medeiros, jornalista do Primeira Hora.

O quinto jornalista foi eleito para o Concur - Conselho de Curadores. Por indicação da Associação Comercial do Paraná, o Conselho terá como titular o empresário e jornalista Francisco da Cunha Pereira, presidente da Rede Paranaense de Comunicação.



Acervo pode ser consultado na Internet

O associado que dispor de internet não precisará mais sair de casa para certificar se a Biblioteca de Comunicação possui um determinado livro ou periódico. Como acontece com raras bibliotecas do país, a do Sindicato apresenta desde janeiro a listagem do seu acervo disponível na página da entidade. São mais de 900 títulos disponíveis, sendo que a maioria dos livros está ligada ao Jornalismo e a jornalistas. No acervo podem ser encontrados também romances e mesmo livros de filosofia e de interesse geral.

O Sindicato informatizou a consulta da Biblioteca utilizando-se do sistema de *software* Winisis, que possibilita o registro de dados bibliográficos. Ao divulgar a lista do seu acervo, o Sindicato quer ampliar a utilização da Biblioteca, hoje mais procurada por acadêmicos de comunicação. Só no ano passado, foram consultados na própria biblioteca 150 títulos

de livros e 63 títulos de periódicos. E foram emprestados 144 livros e 10 periódicos.

Em 2000, a Biblioteca registrou a aquisição de 84 livros e 137 periódicos, o que representa 9% do seu acervo total. Quando não investe diretamente na compra, a entidade tem obtido livros através de permuta com livrarias, oferecendo em contrapartida espaço de publicidade no Extra Pauta. O acervo foi acrescido, ainda, com 62 fitas de vídeo, 24 fitas cassete, 93 artigos de jornais e 400 pastas com documentos relativos ao arquivo do Sindicato.

Outro importante serviço do Sindicato em sua Biblioteca refere-se à internet. Desde o início do ano passado há um computador disponível para o associado navegar na rede. Para usar esse serviço, o associado só deve marcar com antecedência o horário em que quiser utilizá-lo.

Sindicato abre pré-sindicalização de estudantes

Os estudantes dos cursos de jornalismo do Paraná terão agora a oportunidade de ingressar mais cedo no Sindicato dos Jornalistas. Está sendo implementado o processo de pré-sindicalização, que vai possibilitar a expedição de carteira para acesso a serviços do sindicato, como uso da biblioteca, convênios, promoções e festas. O estudante "pré-sindicalizado" vai receber em casa o jornal Extra-Pauta e demais publicações da entidade.

A "pré-sindicalização" é aberta a estudantes de todos os períodos do curso de jornalismo. Para efetuar a filiação é necessário o comprovante de matrícula, o preenchimento da ficha de pré-sindicalização e o pagamento da taxa anual, que inclui as despesas com a confecção da carteira e despesas postais.

Em breve, o estudante terá a opção de cadastro online, através da página do sindicato na internet (www.sindijor.org.br).

Responsabilidade

A pré-sindicalização é um dos compromissos de campanha da atual direção. O projeto amadureceu e segue o exemplo de experiências bem sucedidas em outros sindicatos, como no Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul. O objetivo central da pré-sindicalização é proporcionar aos estudantes o debate sobre questões profissionais que, certamente, terão que enfrentar no futuro. Para Mário Messagi Júnior, presidente do sindicato, é imprescindível que os futuros jornalistas já discutam as perspectivas da profissão e as constantes mudanças no mundo do trabalho. "A pré-sindicalização é importante porque aproxima os estudantes da categoria e põe em sintonia o conhecimento adquirido nas universidades com as discussões em torno da realidade profissional", argumenta.



Não é novidade que paredes de bares sejam espaço de exposições. Como bares são locais propícios a integrar pessoas e fazer com que elas circulem idéias, seus espaços físicos podem ser palcos abertos a artistas e oferecer obras que provoquem emoções diversas ou mesmo iniciem uma conversa. No caso das exposições que acontecem desde maio de 2000 no bar Beto Batata, levadas depois ao Era Só O Que Faltava, há algo de novo no front. Todas são acompanhadas por livretos de cartões postais, que formam uma coleção que é importante referência da produção de arte visual em Curitiba, destacadamente da fotografia.

Dos nove livros editados, cinco são de fotojornalismo. O número 1 e cuja tiragem está esgotada, traz fotos de Gilson Camargo. Com "Armazéns de Curitiba", projeto iniciado com a jornalista Bia Moraes, Gilson documentou com sensibilidade o pequeno comércio que está sendo substituído pelas grandes redes de supermercados. O número 2 da coleção é de Milla Jung. A repórter-fotográfica apresentou imagens de pescadores caboclos de lençóis maranhenses, uma comunidade seminômade por força dos movimentos de dunas.

O publicitário Nego Miranda mostrou a afiada arte do cuteleiro Maurício Dobruski, na exposição "Luz e aço", número 3 da coleção. O número 7 traz "Aparecidas", a exposição de João Urban e Suzana Ribeiro com suas visões da Festa de São Benedito em Aparecida do Norte: retrato de um Brasil ainda resistente à globalização. O último exemplar editado da coleção, número 8, é "Tempo e contratempo", de Joel Rocha. São instantâneos captados pelo jornalista quando está não necessariamente diante da notícia, mas do cotidiano. "São fotos pessoais, que vinha fazendo entre um trabalho e outro", explica Joel.

Os outros livros editados da coleção são do ilustrador Foca, dos fotógrafos João Henrique Lê Sénéchal e J.S.Vieira e do artista plástico Tarcísio Costa. Estão por vir as exposições e livros da artista plástica Lígia Borba e dos fotógrafos Ivan Rodrigues e Haroldo Viegas. "A primeira etapa, do projeto acaba em maio. São doze exposições e doze livros", explica Gilson Camargo, idealizador do projeto "O que nos interessa é poder mostrar trabalhos autorais", explica. O repórter Joel Ro-

Fotojornalismo e Arte em postais



Pescador em Lençóis Maranhenses. Foto de Milla Jung



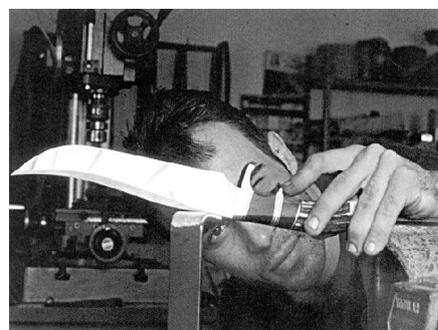
Três crianças e uma boneca. Foto de Joel Rocha



Retrato em armazém curitibano. Foto de Gilson Camargo



"Mercado santo". Foto de João Urban



Luz e aço. Foto de Nego Miranda

cha é todo elogios ao projeto, especialmente a coleção de livretos. "Um livro é o melhor registro para as exposições", diz, "mesmo que sejam de bolso e na forma de postal, eles têm função bastante válida".

Por enquanto, cada número da coleção tem tiragem de mil exemplares. Em cada exemplar há dez fotos, que podem ser destacadas e utilizadas como cartão-postal. Os livros podem ser encontrados a R\$ 3,50 nos bares Beto Batata e Era Só O Que Faltava e na outra promotora da série, a Ibiza.



Fazendo Gazeta nos anos 50

Roberto Muggiati

Eu tinha vinte anos. Não deixei rei ninguém dizer que é a mais bela idade da vida." À frase de Paul Nizan, o irmão mais esperto de Jean-Paul Sartre, replico: "Não deixarei ninguém dizer que é a pior idade da vida." Sou muito dividido em relação a meus vinte anos, gostaria de reescrevê-los (ou revivê-los) com a experiência de hoje. Mas não me queixo. Em 1957 eu tinha a vida cheia. Estava no segundo ano de Engenharia, trabalhava de noite na Gazeta do Povo, era correspondente (stringer) da Associated Press, funcionário do governo Moyses Lupion, prestava serviço militar no CPOR, havia terminado a Cultura Inglesa e a Aliança Francesa, estudava alemão e japonês e tinha aulas de saxofone. Aqueles dias tinham uma elasticidade mágica. Ainda sobrava tempo para audições de jazz, papos literários até alta madrugada, serenatas, bailes bem comportados com donzelas da sociedade e perversas paixões em boates com damas da noite.

Tudo começou aos 16 anos, com uma súbita crise de seriedade da minha turma do Clube Curitibano. "Precisamos trabalhar!" - foi nossa decisão na drástica passagem das férias de verão para os idos de março de 1954. Meu tio e padrinho, José Muggiati Sobrinho, era chefe de redação da Gazeta do Povo e logo encontrei um emprego no velho casarão da Praça Carlos Gomes. Eu já brincava/brigava com as palavras desde cedo. No Colégio Estadual do Paraná, escrevia uma coluna literária no jornalzinho dirigido por José Augusto Ribeiro. Lembro meu primeiro ensaio, sobre Os Sertões, e a primeira frase: "O sertanejo é antes de tudo um forte." Foi

"Ainda não tínhamos teletipo e os telegramas caíam do céu"

chegando ao Colégio Estadual numa tarde de agosto que recebi a notícia como um soco na cara: "Não tem aula hoje, o Getúlio se matou!". Sem nenhuma opinião formada a respeito de toda aquela confusão que rolava há meses no Catete - mas chocado com o tiro no peito e a carta-testamento de Vargas - segui o instinto animal do jornalista e corri até a redação para colher a emoção e as glórias de minha primeira edição extra.

A Gazeta do Povo era uma curiosa instituição. Minha primeira tarefa consistia em colocar em bom português as notícias que chegavam do Rio. Ainda não tínhamos teletipo e os telegramas caíam literalmente do céu: um velho senhor trancafiado num cubículo, a cabeça dobrada ao peso de enormes fones de ouvido, recebia os últimos despachos e os traduzia datilografando numa velha Remington. Por coincidência, o telegrafista Vergés era um kardecista convicto e tudo aquilo me parecia uma operação espírita. Nos fundos da casa, as fotos eram transformadas em clichês no barraco do velho Konstantin

Tchernoaloff, ex-soldado russo que lutara na Guerra Civil de 1920 - não sei se no exército branco ou no vermelho - e parecia um cossaco diabólico em meio aos clarões do seu arco voltaico. Um revisor, com a clássica pala na testa, ocupava o mezanino que era um purgatório entre a redação (no primeiro andar) e a oficina (no térreo), envolvendo com os seus vapores de chumbo a bateria de linotipistas disposta diante das páginas - parafusadas em molduras de ferro como nos pasquins do Velho Oeste - e da prensa obsoleta que imprimia as nossas Verdades Absolutas de todo dia.

A sala da chefia ficava de frente para a praça, com direito a sacada nas noites de verão. Ali José Muggiati Sobrinho, jornalista e advogado - também era dono do Paraná Esportivo - as cinzas de um eterno charuto caindo no colete sobre a generosa barriga, lutava com os problemas de edição, quase sempre de ordem política, desdobrando-se entre a leitura dos textos e os frequentes telefonemas, com a ajuda do fiel escudeiro, Reynaldo Dacheux Pereira. Pareciam um Dom Quixote gordo e um Sancho magro. Vinha depois uma saleta de espera com um velho sofá puído, duas ou três salas de redação e, nos fundos, um banheiro imenso e sujo, verdadeiro convite à cólera (nos dois sentidos). Existia ainda uma sala de visitas especial, com dois sólidos móveis de pinho, pesados reposteiros e grandes sofás empoeirados, território da família dona do jornal, os De Plácido e Silva. (O velho tinha também uma editora de livros, a Guaíra, que foi uma das primeiras do Brasil a traduzir autores latino-americanos.) Só vi aquele salão aberto duas ou três vezes em meus oito anos de Gazeta.

A equipe do jornal, disposta em várias camadas etárias, era um corte transversal na sociedade curitibana. Havia um médico que assinava a coluna social; um velho escritor que era nosso gramático-mor ("Nunca escreva: 'João, morreu'. Com essa vírgula separando sujeito e predicado ele não vai morrer nunca!"); um dentista protético que escrevia crônicas; um repórter policial que - elementar, meu caro - trabalhava na polícia; um repórter esportivo filho de uma família fabricante de aguardente. Mas a força da redação era um grupo de jovens estudantes de advocacia, brilhantes e competitivos: o Newton (Stadler de Souza), o Daquino Borges, o Nacim Bacila Neto, o Orlando Soares Carbonar, que depois foi ocupar o Palazzo Doria Pamphili, na Piazza Navona, como embaixador do Brasil em Roma. Na ala caçula, eu fazia tabela com o Carlos Augusto Cavalcanti de Albuquerque e colegas de outros jornais, o Aderbal Fortes de Sá Júnior e o Sylvio Back, que se tornaria o cineasta mais polêmico do Brasil. Munidos de armas mágicas como o lead e o sublead, íamos revolucionar a imprensa.

Ninguém costuma fazer hora ou puxar conversa num escritório de engenharia, numa agência de banco ou num hospital. Mas não há quem resista a uma redação. A da Gazeta era um autêntico farol para as almas extraviadas da noite curitibana. Um de nossos visitantes mais notórios era o escritor Dalton Trevisan. Diziam que ia lá em busca de assunto. Não vejo nenhum

"Não há melhor lugar para perder a inocência do que numa redação de jornal"



mal nisso. Afinal, caçar histórias e personagens é a função básica do ficcionista. A principal fonte do Dalton era o Mário de Mello Leitão, dentista com alma de cronista, o "Rubem Braga do Paraná". Sua vivência boêmia nos tempos de estudante no Rio deu o caldo às melhores Novelas Nada Exemplos do Dalton. A disponibilidade do Mário era fabulosa.

Não há melhor lugar para perder a inocência do que numa redação de jornal. É onde a gente vê a máquina por dentro, as engrenagens que fazem funcionar a sociedade humana. Mas dois fatos me marcaram particularmente na velha Gazeta, talvez pela presença da morte. Um rapaz da sociedade saía do cinema com a nova namorada e foi alvejado pela mãe da antiga namorada, na esquina da Boca. Ouvi os tiros do outro lado da avenida, saindo de uma confeitaria, e corri de volta ao jornal. O repórter policial Meio Quilo me levou para a autopista. Estendido no mármore do necrotério, o corpo nu do jovem, que eu conhecia da piscina do Country, a marca do calção na pele ainda bronzeada do último verão, exibia pequenos furros com as bordas chamuscadas, na coxa, nos braços e o tiro fatal, atravessando o crânio. Podia ter sido eu, pensei, ou qualquer um de nós.

Em outra noite, numa tempestade de inverno, me mandaram às pressas para entrevistar, no Hospital da Cruz Vermelha, um dos seis sobreviventes da queda de um avião de passageiros que se chocara contra um morro a dez minutos do aeroporto de Curitiba. Era um homem de uns 30 anos, sentado numa cama, atônito, sem saber explicar o que tinha acontecido. Dizia apenas que viajava na cauda do avião. Quando voltei à redação soube que era um "avião VIP" - com vítimas ilustres, como Nereu Ramos (presidente da República na crise de 55) e Jorge Lacerda, governador de Santa Catarina. Fui para outro hospital, no Cajuru, onde estavam chegando alguns corpos. O local do acidente só era alcançado por jipes, que abriam trilhas no mato em meio ao lamaçal na noite chuvosa. Vi chegar um jipe do qual tiraram uma pequena caixa metálica, um cubo de meio metro de lado. "São os restos do governador Lacerda", me informaram. Político de futuro, Jorge Lacerda, de ascendência grega, era também intelectual e poeta. Lem-



brei um lance com ele, meses antes. Corriam em Curitiba rumores de que o governo catarinense estava cheio de dinheiro, contratando matérias pagas.

"O jornalista se cansa de ver gente ganhar dinheiro às suas custas, enquanto ele continua vivendo de vales"

Eu e um colega resolvemos fazer nossa primeira incursão comercial. Às vezes, o jornalista se cansa de ver gente ganhar dinheiro às suas custas, enquanto ele continua vivendo de vales. Mas acho que não tínhamos o *physique du rôle* nem o *know-how* da "picaretagem" (como chamavam em Curitiba a "marreta"). Após três dias praticamente acampados na ante-sala do palácio, um assessor do governador Lacerda nos deu o "não" definitivo. Àquela altura, quase sem dinheiro, nos vimos literalmente ilhados em Florianópolis: uma chuvarada cortou todas as comunicações, não havia teto para os aviões e as estradas estavam todas alagadas. Mudamos do hotel para uma pensão barata. Não esqueço aquelas noites de chuva interminável na ilha. Eu lia Anaís Nin (acho que era *A Spy in the House of Love*) e um amigo caridoso nos pagou um cinema, um filme bem a propósito, sobre jornalismo e corrupção, *Sweet Smell of Success/O Doce Sabor do Sucesso*, com Burt Lancaster e Tony Curtis. Em três dias o céu clareou e voltamos a Curitiba, sobrevoando o morro onde, meses depois, Jorge Lacerda e Nereu Ramos morreriam na

explosão que deixou na mata uma imensa clareira coberta de destroços (visitei o local, numa tarde em que o Brasil jogava na Copa do Mundo da Suécia e torcíamos por Pelé ouvindo o jogo pelo rádio do carro da reportagem).

Em 6 de outubro de 1960, no dia em que completava 23 anos, em meio à avalanche eleitoral de Jânio Quadros, eu embarcava num avião da Panair e ia estudar jornalismo em Paris. Depois de ano e meio de Paris e meio ano viajando pela Europa (de Norte a Sul, da Finlândia à Sicília) passei um fim de ano na Alemanha, visitando o recém-construído Muro de Berlim e tomando um porre com amigos numa birosca ao lado do campo de concentração de Dachau na tarde do réveillon. Em 1962 fui para Londres trabalhar durante três anos na BBC. Voltei em 1965 para um outro Brasil. Fiquei pelo Rio e entrei na

Manchete, que passei a editar em 1975. Curitiba, eu soube, passou viver o seu nirvana pós-moderno, coreografado por Jayme Lerner, meu colega de estudos - do exame de admissão no Colégio Estadual do Paraná, em 1949, até a Faculdade de Engenharia, que abandonei em 1960. Curitiba não é mais a terra dos vampiros, dos romances proibidos nas aléias do Passeio Público. Seus velhos prédios sumiram e os rostos do passado se apagaram na cerração. Para mim, passou a ser uma cidade de sonho, perdida - ou reencontrada - na lembrança. E os anos no velho casarão da praça Carlos Gomes, na redação da Gazeta do Povo, ficarão marcados para sempre na minha memória afetiva.

Roberto Muggiati, é jornalista e trabalha como editor na Manchete. É autor do romance "A contorcionista mongol" e de uma série de livros importantes sobre música, entre os quais: "Rock, o grito e mito", "Blues da lama à fama", "New Jazz de volta para o futuro", "A revolução dos Beatles" e "O que é Jazz".

Esse texto foi publicado em Curitiba há alguns anos, no extinto jornal cultural Nicolau.



A máquina da verdade

Marcelo Lima

O jornalismo é produto da sociedade burguesa moderna, formada mais agudamente a partir do final do século XVIII. Antes desse período, é difícil identificar um discurso específico de imprensa, como hoje se conhece. Quando muito, pode-se falar de textos que funcionam provisoriamente como jornalísticos: a “literatura” oral dos trovadores medievais que transitavam entre as cidades; os romances e os artigos nas folhas dos países europeus e das colônias. Uma linguagem jornalística que se diferenciava das outras formas de texto só poderia ter aparecido em meio ao clima de racionalização das instituições e à monetarização da vida trazidos pelas revoluções econômica e política do final do século XVIII. Como qualquer instituição oriunda do mundo capitalista, então em ascensão, a imprensa tem em sua origem características contraditórias que a acompanham até hoje. Por um lado, ela é o sopro de liberdade e esclarecimento, possibilitado pela democratização da informação e a socialização do conhecimento; por outro, é um instrumento sujeito às leis do mercado e aos interesses escusos dos “donos do poder”, traduzindo uma vontade parcial e ideológica.

É sobre esse mundo nascente — a França pós-revolucionária em que se inventavam novos padrões de vida política e códigos privados; quando a “revolução impressa” criava de fato uma cultura do livro, do folheto e do jornal; o mundo ocidental ajustava seu relógio ao ritmo da produção industrial — que versa a obra monumental de Honoré de Balzac (1799-1850), o mais prolífico escritor francês do século XIX. Como um hipertexto, a obra de Balzac se compõe de 98 escritos, agrupados no conjunto “Comédia Humana”, uma espécie de enciclopédia em que reuniu o maior conjunto de perfis humanos já visto na literatura. Irregular, feita às pressas, em ritmo de quem precisa vender histórias para pagar as contas, a “Comédia” é o melhor relato da soci-



Reprodução

Balzac: um observador crítico da imprensa

idade francesa da época. Para Marx e Engels, quem lê o imenso conjunto balzaquiano visualiza a luta feroz dos indivíduos pela sobrevivência; a transição do mundo rural para a grande cidade, num momento de transição do mundo capitalista; o poder recém-constituído pela imprensa e a importância do dinheiro nas relações humanas no novo espírito da sociedade burguesa.

Ao lado de banqueiros, prostitutas, advogados e artistas, os jornalistas e o jornalismo têm lugar de destaque na “Comédia Humana”. “As ilusões perdidas” (Abril Cultural, 366 páginas), um dos livros mais importantes desse conjunto, trazem um retrato cruel desse fazer que despontava como instituição de poder. No romance, Balzac conta os anos de aprendizagem de Luciano de Rubempré, um jovem poeta do interior que, ajudado pela benfeitora nobre e mais velha, busca sucesso pessoal e profissional em Paris, onde pretende publicar seus livros. Com as poucas economias que reúne

em Angoulême, sua cidade natal, o poeta não consegue manter a vida de aparências a que eram condenados todos os jovens artistas que queriam se tornar personalidades aos olhos da sociedade parisiense e dos editores. Sem dinheiro, comendo a sopa rala de um boteco de bairro estudantil, conhece o jornalista Etienne Lousteau, personagem que encarna o anjo mau que o vai seduzir com a possibilidade de enriquecer escrevendo artigos para a imprensa. Por meio de Lousteau, cujo nome evoca falsidade (*loustic*, em francês, significa farsante), Balzac traça um perfil ao mesmo tempo agudo e vingativo da imprensa.

No retrato às vezes exaustivo do romancista — chega a gastar três páginas para descrever o funcionamento de uma oficina de impressão de jornal; no meio de uma conversa de pedido de casamento, incorpora uma quase inverossímil discussão sobre a grande variedade de tipos móveis e seus efeitos estéticos; “reproduz” os artigos escritos pelos redatores —, é possível identificar o poder que passa a ser conferido ao jornalista: tudo o que sai nas “folhas” tem um sentido de verdade absoluta. As matérias jornalísticas passam a ter uma influência nunca vista na sociedade, pois são capazes de destruir uma carreira ou dar-lhe sustentação. O romance de Balzac está na raiz da linguagem jornalística moderna: mostra que sua agilidade e sua capacidade de chegar todos os dias na casa das pessoas — como se o mundo pudesse caber, de fato, num mosaico de títulos, textos e ilustrações — acabariam minando o poder de representação da realidade pela via literária. “As ilusões perdidas” evidenciam que, no momento em que o jornalismo passou a funcionar em ritmo industrial, tornou-se um saber “científico”, capaz de retratar a verdade do mundo, pois é justificado por discursos com-

petentes. Já a literatura ganhava o *status* pejorativo, ao menos nesse caso, de arte. Tudo o que é claro é jornalismo. A ambigüidade e o obscuro pertencem ao campo da literatura.

No livro, evidenciam-se textos dos jornalistas e as relações e poder nas redações. “As ilusões perdidas” mostram a corporação da imprensa a serviço dos livreiros e dos diretores de teatro. O imenso poder conferido aos jornalistas é evidenciado com uma “brincadeira” de um redator, que escreve vários artigos sobre uma única obra — todos os textos com os artifícios necessários para que sejam aceitos como verdadeiros. No primeiro, enaltece suas qualidades; no segundo mostra que se tratava de uma obra mediana; e no terceiro, destrói todas as suas qualidades. Estabelece-se, a partir dessa idéia, um axioma indispensável: *para que algo seja aceito como verdade, deve parecer verdade*. Isso, é claro, só seria possível numa sociedade como a retratada por Balzac, em que as instituições passam a ter maior prestígio, conferindo “vontade de verdade” aos relatos. Os fatos são verdadeiros porque há uma *colaboração* do leitor, que, por uma série de razões, os tomam como realidade.

Essa percepção, fácil de identificar numa época como hoje, quando se olha com desconfiança para o significado dos textos e para as instituições que lhes dão sustentação, traduz em parte uma relação conflituosa entre o próprio escritor francês e seus pares jornalistas. Na sociedade arriposta francesa, num momento em que a atmosfera de mudança favorecia a escalada social e financeira, ser jornalista era optar por uma instituição que se fortalecia e gerava riqueza fácil. Sempre correndo atrás de dinheiro para manter a vida dispendiosa, Balzac notava nos periodistas a falta de escrúpulos em querer forrar a pança pantagruélica com o vil metal e o amor venal das cortesãs — aproveitando da boa-fé que o público passava a conferir aos jornais. “As ilusões perdidas” mostram um jogo contraditório: uma sociedade que olha o progresso como um valor inestimável, mas deixa-se corromper por vilezas primitivas como a inveja, a mentira e a ganância.

Marcelo Lima,
é jornalista e professor



LIVRARIA DO
ELEOTERIO

Leia. O Livro Liberta.

15% de desconto para jornalistas

Livraria e Editora do Eleoterio
Rua Amintas de Barros, 140
CEP 80060-200 - Curitiba - Parana
Tel/Fax: (41) 324-0308

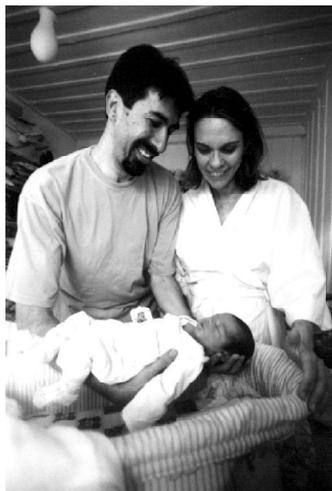


LIVRARIA DO
ELEOTERIO

Leia. O Livro Liberta.



Nasceu Tito, primeiro filho do jornalista Luis Cláudio Oliveira e Nanci Teixeira. A alegria toma conta do lar desde 01 de março. Luis é jornalista da Folha do Paraná e diretor do sindicato.



Kraw Penas

Sem qualquer explicação, a Gazeta do Povo demitiu nos meses de janeiro e fevereiro Aracelli Avelleda, Hernâni Vieira, José Daniel, Rodrigo Asturian e Zanei Barcelos. Causaram surpresa, particularmente, as demissões de Hernâni Vieira e Zanei Barcelos. Zanei era editor de Internacional e havia retornado recentemente da Espanha, onde tinha feito um curso pago pelo próprio jornal. No caso de Hernâni, a demissão foi o presente que ele recebeu da empresa por ter 24 anos e 10 meses de casa.

A novidade da Gazeta chama-se Marisa Boroni Valério, nova editora de Economia do jornal. Marisa deixou a Secretaria de

Comunicação Social da Prefeitura de Curitiba.

Por falar em Prefeitura, com a vaga aberta por Marisa, foi contratado Fernando Mendonça, da Secretaria de Estado da Comunicação Social.

**

Thays Renata Poletto trocou as pautas sobre soro caseiro para falar de água. Deixou a assessoria da Pastoral da Criança e assumiu vaga na Sanepar.

**

Na Pastoral, foi contratada Lilian Kuwano.

**

Altair Santos está trabalhando para o Rei do futebol. É jornalista do site oficial do Pelé, na internet. Com isso, no jornal O Estado do Paraná, Ari Silveira passou a responder pela Secretaria de redação e Rafael Tavares pela Chefia de Redação.

**

A outra novidade de O Estado do Paraná é Rafael Macedo, chamado para a Editoria de Esportes.

**

Carlos Delgado comanda agora o Jornalismo da TV Educativa. Ele saiu da Band, onde era chefe-de-redação. Outro a deixar a Band foi Edson Silva, que permanece na CNT.



Arquivo Extra Pauta

**

José Wille assumiu a direção do Departamento de Jornalismo da Band Paraná. De pronto, convidou Michele Thomé para

ser chefe-de-redação da emissora. Desta forma, ela deixa o Jornal do Estado. Wille e Thomé continuam trabalhando na CBN.

**

Jordana Martinez voltou à CBN e deixou a Band, para ser repórter da Rede Paranaense de Comunicação. A moça está em alta: estreou na Globo com matéria ao vivo e recebendo saudação do âncora do telejornal.

**

No Jornal do Estado as novidades são: Cristiane Montamarin, na Editoria de Cidades; Sâmara Hassak, na editoria de Economia e Fabrício Binder para a Política.

**

Com o início do ano letivo, vários jornalistas fizeram sua estréia como professores. Na Tuiuti, Emerson Castro, Hélio Marques, Miriam Gasparin, Vânia Welte e Marleth Silva. Lá, Valdir Cruz assumiu a coordenação do curso de Jornalismo e Cláudia Quadros a chefia de departamento.

**

Eduardo Aguiar, Alessandra Salle, Luciane Mota, Maria Terezinha Freire e Edgar Melech começam o ano letivo como professores da Uniandrade.

Arquivo Pessoal

**

Luiz Gonzaga de Mattos lançou o jornal "Emprego Já". No veículo publica informações sobre concursos, empregos e estágios em todas as áreas profissionais.

**

O "Rascunho", caderno literário editado pelo jornalista Rogério Pereira, prepara sua

edição de aniversário. Esse ano bem vivido será festejado em abril, comemorando as diversas colaborações, de vários países, que o "Rascunho" publicou. A versão internet já está no ar, www.bonde.com.br/rascunho, e, em breve, terá domínio próprio, www.rascunho.com.

**

Desde dezembro circula o informativo mensal "Só Cartoon". Na linha de frente do projeto está o jornalista e publicitário Gilson Cordeiro.

**

Zeca Leite, da Folha do Paraná e TV Educativa, está empolgado. Seu texto "500 Vozes" será encenado pela respeitável companhia de Teatro Satyros. A peça deve estreiar em meados de abril, no Guairinha.

**

O repórter fotográfico Levis Litz continua reservando seu fim de ano para a aventura. Este ano ele percorreu o litoral do Nordeste até Jericoara, Ceará, e cidades históricas de Minas Gerais. Quem quiser conferir as fotos, basta acessar www.fotoserumos.com, que é o site que Levis mantém na internet e é atualizado duas vezes por semana.

**

Alvaro Collaço deixa o Sindicato dos Jornalistas - e conseqüentemente a redação do Extra Pauta-, para dedicar-se à produção de eventos musicais. Para o seu lugar foi contratado Rafael Borges.





convênios

Confira as vantagens de ser associado

Consultório de Psicologia
No consultório de Ana Maria Escorsin há preços especiais a jornalistas. Al. Princesa Isabel, 420 - Centro - Curitiba 223-7748 e 233-7074
Algo Mais Bar

O profissional que apresentar a carteira de jornalista está isento de pagamento de couvert e consumação mínima. o bar fica na R. Saint Hillaire, 778, próximo ao cemitério da Água Verde - fone 243-2495.
Programação: terças e quartas, vídeokê, de quinta a sábado, música ao vivo MPB.

Monsenhor fast grill
Os jornalistas têm 15% de desconto Monsenhor Fast Grill (R. Monsenhor Celso, 270 - centro). Aberto no almoço de segunda a sábado.
Outros bares e restaurantes
Desconto de 20% no Solara Restaurants (Rua Manoel Ribas, 552, fone 336-0106), de 10% no Bar Brahma (Av. Getúlio Vargas, 234, esquina com R. João Negrão, fone 224-1628). Bar do Alemão (Largo da Ordem, fone 223-2585). Confraria Pub (no Estação Plaza Show), e Shima Restaurant (Rua Pres. Taunay, 892, fone 224-3868).

Academia Kine
Ginástica, Nutrição e Fisioterapia. Desconto de 20%, Rua Mauá, 706 B, Alto da Glória. Fone 253-3841.
Clínica ao seu alcance
Descontos de até 30% sobre a tabela do Conselho Regional de Odontologia. R. Voluntários da Pátria, 475/ conj. 301-A. Fone 232-0166.
Psicologia infantil e psiquiatria
Descontos especiais para jornalistas. Informações pelo fone 336-7308. A clínica de Vitorio e Suzane Ciupka e de Denise Ciupka Yamaguti.

Good Life
Serviços de Odontologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Nutrição. Descontos e tabelas especiais. Endereços: R. Padre Agostinho, 2800, fone 335-4362 (Odonto e Fono), Av. Silva Jardim, 266, fone 233-2577 (fisio), e R. Buenos Aires, 441, 3º andar, fone 3222-0798 e 9995-5223 (Nutrição) Ecco Salva

Preço especial para jornalistas. Interessados devem entrar em contato com Abel Nascimento, pelos fones 340-8795 ou 914-8503. O Sindicato firmou convênio com a Odonto Global. Apenas os jornalistas sindicalizados e em dia com o Sindicato poderão contratar o plano odontológico. A taxa de adesão será de R\$ 1,50. O preço por semestre será de R\$ 18, com direito a um dependente. O jornalista também poderá incluir um segundo dependente pagando mais R\$ 6 por semestre. Para isso, o jornalista precisa ir até a sede do Sindicato para pedir sua carteirinha. Ao pagar o plano, o jornalista recebe também um manual de procedimentos, com os

endereços de toda a rede conveniada, e uma tabela de preços.

Odonto Global
A Odonto Global tem 8 clínicas, 4 laboratórios e 148 consultórios conveniados, espalhados por Curitiba, Araucária, Campo Largo, São José dos Pinhais, Pinhais e Piraquara. O convênio atende as áreas de Radiologia, Dentística, Odontopediatria, Endodontia, Periodontia, Prótese, Implantodontia, Cirurgia e Ortodontia. Centro Médico
A consulta terá preço especial a quem apresentar a carteira da Fenaj. Exames complementares seguirão os valores estipulados pela AMB.

O Centro Médico Dr. Bernardo foi fundado em 1977. Oferece atendimento em Clínica Geral e nas especialidades: Ginecologia, Obstetrícia, Pediatria, Dermatologia, Homeopatia e Oftalmologia (inclusive lentes de contato). O endereço é Rua Voluntários da Pátria, 61, 1º andar. Consultas devem ser marcadas pelo telefone (41) 232-0392. O horário de atendimento é das 8h às 19h de segunda à sexta-feira, e das 8h às 12h horas, aos sábados.

Seguradora
O convênio firmado com a Rafael Corretora de Seguros, representante da Vera Cruz Seguradora, assegura descontos promocionais em todos os tipos de seguro aos jornalistas. A empresa oferece também descontos de até 50% na franquia de automóveis, em oficinas credenciadas pela Seguradora. O convênio é extensivo a cônjuges, filhos e pais de jornalistas. Mais informações pelos fones (41) 353-7350, 352-6034 e 9119-7758, com Mirtes, ou no escritório da empresa: rua Jorge Barbosa, 65, Ahú, Curitiba.

Escola de Informática
A escola de informática Microcamp International- Unidade Mercês concede desconto de 30% no curso integrado a adolescentes e 10% no seu curso VIP. No caso das promoções que atingem a toda escola, os jornalistas ganham um desconto adicional de 5%. Contatos na sede da Microcamp: Rua Presidente Taunay, 2051, ou pelo fone (41) 336-1596.

Hotel
A Rede Hospedare reservou preços promocionais a jornalistas e o desconto pode chegar a 30%. Os hotéis da Rede em Curitiba são: Petras Flat Residence (padrão 4 estrelas), Virmond Residence (3 estrelas) e Lumini Hotel (2 estrelas). Em Mafra há o Hotel Susin (4 estrelas) e, em Caiobá, a Pousada do Vovô. Mais informações pelo endereço eletrônico: www.hospedare.com.br, pelo fone (41) 228-1900 ou mesmo no Sindicato: (41) 224-9296.

Centro Médico
- O Centro Médico Dr. Bernardo oferece atendimento em Clínica Geral

nas especialidades: Ginecologia, Obstetrícia, Pediatria, Dermatologia, Homeopatia e Oftalmologia (inclusive lentes de contato). A consulta terá preço especial a quem apresentar carteira da Fenaj. Exames complementares seguirão valores estipulados pela AMB.

Endereço: Rua Voluntários da Pátria, 61, 1º andar. Consultas devem ser marcadas pelo telefone (41) 232-0392.
-Através da Good Life os jornalistas poderão ter acesso a serviços de Odontologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Nutrição. Há descontos e tabelas especiais. Endereços: Rua Padre Agostinho 2800, fone 335-4362 (Odonto e Fono), Av. Silva Jardim 266, fone 233-2577 (Fisio) e R. Buenos Aires, 441, 3º andar, fone 322-0798 e 9995-5223 (Nutrição).
Odontologia

-A Clínica Ao Seu Alcance oferece até 30% sobre a tabela do Conselho Regional de Odontologia. O endereço é Rua Voluntários da Pátria, 475/ conjunto 301/ A . Fone 232-0166.
-O Plano Odonto Global possibilita que os jornalistas utilizem serviços oferecidos em 8 clínicas, 4 laboratórios e 148 consultórios conveniados em Curitiba e Região Metropolitana. A taxa de adesão ao Plano é de R\$ 1,50. E o preço por semestre é de R\$ 18,00, com direito a um dependente. Um segundo dependente poderá ser incluído no Plano, com o pagamento adicional de R\$ 6,00. Informações podem ser obtidas no próprio Sindicato.

Psicologia
-No consultório de Ana Maria Escorsin, jornalistas terão sessões a preços especiais. O endereço é Alameda Princesa Isabel, 420-Centro. Fones: 223-7748.

-A clínica de Vitorio e Suzane Ciupka e Denise Yamaguti é especializada em psicologia infantil e psiquiatria. Jornalistas têm desconto nas sessões. Informações pelo fone 336-7308.

Emergência Médica
-Os jornalistas podem ter desconto e estarem protegidos pela Ecco Salva. Devem, no entanto, entrar em contato com Abel Nascimento, pelos fones 340-8795 ou 914-8503.

Academia de Ginástica
-Na Kine há desconto de 20% para jornalistas. Além de ser academia de Ginástica, a Kine oferece serviços de Nutrição e Fisioterapia. Seu endereço é Rua Mauá, 706B, Alto da Glória. Fone: 253-3841.

Seguradora
-O convênio firmado com a Rafael Corretora de Seguros, representante da Vera Cruz Seguradora, assegura descontos em todos os tipos de seguro a jornalistas. No caso de franquia de automóveis, o desconto pode chegar até 50%. Mais informações pelos fones 353-7350, 352-6034 e 9119-7758, com Mirtes, ou no escritório da empresa: Rua Jorge Barbosa, 65, Ahú, Curitiba.

tabela de salários

SALÁRIOS DE INGRESSO

Repórter, redator, revisor, ilustrador, diagramador,	
repórter fotográfico, repórter cinematográfico	1103,83
Editor	1434,98
Pauteiro	1434,98
Editor chefe	1655,75
Chefe de setor	1655,75
Chefe de reportagem	1655,75

Estes são os menores salários que poderão ser pagos nas redações;

Os valores da tabela são para jornada de trabalho de 5 horas.

O piso salarial da categoria é definido em Acordo Coletivo de Trabalho, Convenção Coletiva e/ou Dissídio Coletivo.

FREE LANCE

Redação	
Lauda de 20 linhas (1.440 caracteres)	59,36
Mais de duas fontes:	50% a mais
Edição por página	
Tablóide	76,80
Standard	92,03
Diagramação por página	
Tablóide	38,40
Standart	52,40
Revista	28,63
(*) Tablita / Ofício / A4	19,53
Revisão	
(*) Lauda (1.440 caracteres)	15,48
(*) Tablóide	32,33
(*) Tablita	24,42
(*) Standard	67,51
Ilustração	
(*) Cor	91,60
(*) P&B	61,06

Reportagem fotográfica - ARFOC

Reportagem Editorial	
Saída cor ou P&B até 3 horas	139,65
Saída cor ou P&B até 5 horas	261,85
Saída cor ou P&B até 8 horas	349,15
Adicional por foto solicitada	26,34
Foto de arquivo para uso editorial	209,48
Reportagem Comercial/Institucional	
Saída cor ou P&B até 3 horas	277,78
Saída cor ou P&B até 5 horas	494,23
Saída cor ou P&B até 8 horas	659,01
Adicional por foto	52,40

Reportagem Cinematográfica

Equipamento e estrutura funcional fornecida pelo contratante	
(*) Saída até 3 horas	76,47
(*) Saída até 5 horas	122,13
(*) Saída até 8 horas	200,75
Adicional por hora	30,53

Foto de arquivo para uso em:

Anúncio de jornais	453,67
Anúncio de Revista e TV	488,80
Capa de Disco e Calendário	628,46
Outdoor	962,87
Cartazes, Folhetos e Comisetas	314,22
Audiovisual até 50 unidades	663,39
Audiovisual acima de 50 unidades	à combinar
Diária em reportagem que inclui viagem	384,07
Reportagem aérea internacional	à combinar
(*) Hora técnica	61,06

Observações importantes:

A produção (filme, laboratório, hospedagem, transporte, seguro de vida, credenciamento, etc.) é por conta do contratante; Na republicação, serão cobrados 100% do valor da tabela;

A foto editorial não pode ter utilização comercial.

(*) Novidades na tabela em caráter experimental.

Sugestões deverão ser encaminhadas ao Sindicato através do fax (041) 224-9296 ou Correio Eletrônico: sindjor@sindjor.org.br



O humor ácido e o traço preciso são marcas de Carlos Alberto Noviski que fazem dele um dos mais respeitados chargistas e caricaturistas de Curitiba. Hoje, suas charges são publicadas na Gazeta do Povo e, como acontece há anos, em jornais sindicais como o Extra Pauta.

Noviski lembra-se bem da sua primeira caricatura. Foi do pai, seu maior incentivador, que um dia, quando o filho foi contratado pelo Jornal do Estado, se surpreendeu ao ver que a brincadeira se transformou em profissão. O pai faleceu em 94. Hoje, é Noviski quem sustenta a família, ao todo seis pessoas. Tão incrível quanto isso, desde 95 ele trabalha como free-lancer e em casa.

Ele faz charges, caricaturas, ilustrações, cria marcas para produtos e páginas na internet. Seu maior projeto, contudo, relaciona-se com o sonho de criar um núcleo de animações por computador em 3D. Por ora, utilizando a técnica ele vem desenhando toda uma galeria de super-heróis. São imagens que começam a navegar em sua página e em sites especializados no exterior.

Noviski pertence a uma categoria especial de jornalistas, com status de colunista especial, que consegue dar conta do recado em casa. Isso porque junto ao computador e à internet existe (e de sobra) talento.



Noviski

"O que vier eu traço"





ronda da noite

O Projeto Ronda da Noite prossegue e começa a ganhar o interior. Em janeiro, aconteceu a primeira edição em Ponta Grossa, no restaurante mexicano Taco Tex. Em 15 de fevereiro, a quarta noite em Curitiba, dessa vez no Vox Café, da jornalista Márcia Fontana.

Em Ponta Grossa, os jornalistas se divertiram ao som de música ao vivo, com direito a canja da jornalista Ana Paula Costin. Em Curitiba, rolou uma das atrações do Vox, que é seleção dos sucessos da discoteca, bem anos 70.



Rosângela Oliveira



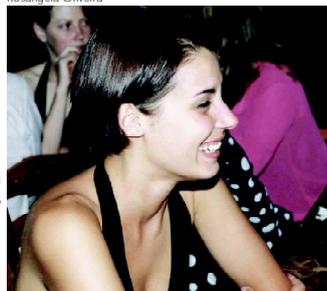
Dirceu Portugal

Hugo Abati



Milena Miziara prestigiou a festa no Vox Café, em Curitiba

Rosângela Oliveira



Foco em Sandra Guimarães

Hugo Abati



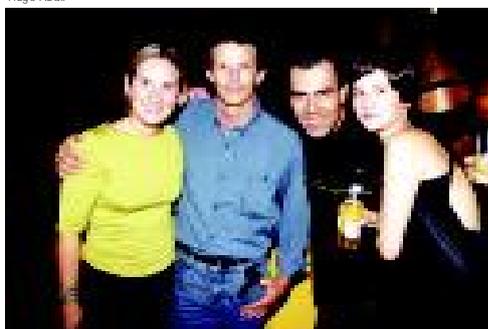
Luigi Poniwass, Vanessa França e Ari Silveira

Rosângela Oliveira



Ana Paula Costin soltou a voz no Taco Tex, em Ponta Grossa

Hugo Abati



Silvia Ogradowski, João Bruschi, Rogério Machado e Katie Muller